TL 3945

INTERNACIONAL PUBLIC EDUCATION AND DIALOGUE CONFERENCE

(CONFERÊNCIA INTERNACIONAL EDUCATIVA E DE DIÁLOGO)

EAST TIMOR, ITS FUTURE IN THE ASIA-PACIFIC

(TIMOR LESTE : SEU FUTURO NA ÁSIA PACÍFICO)

SYDNEY, AUSTRÁLIA DE 21 A 27 DE JUNHO DE 1996

RELATÓRIO

(Versão Provisória de 16 de Julho de 1996)

Porto, 16 de Julho de 1996

O Coordenador das Jornadas de Timor da Universidade do Porto

António Barbedo de Magalhães
(Professor Catedrático)

INDICE

0 - SÍNTESE GERAL

1 - OBJECTIVOS DA CONFERÊNCIA

2 - ORGANIZADORES

3 - PATROCINADORES

4 - CONFERÊNCIA DE IMPRENSA INICIAL (20/06/1996)

5 - PROGRAMA DAS SESSÕES PÚBLICAS

6 - DESCRIÇÃO SUMÁRIA DAS SESSÕES PÚBLICAS

  6.1. - Ao todo, mais de trezentos participantes

  6.2. - Introdução jurídica, histórica e política, no primeiro dia das sessões (6ª fª, 21 de Junho)

  6.3. - A Clareza e a coragem que vêm do interior de Timor Leste, e a solidariedade crescente do Povo Indonésio, no segundo dia (Sábado 22 de Junho)

  6.4 - O Sofrimento e a Luta das Mulheres de Timor Leste : terceiro dia Domingo (23 de Junho de 1996).

  6.5. - Plano de Paz do CNRM e perspectivas para o futuro de Timor Leste na Asia-Pacífico

  6.6 - Política Australiana, Americana e Portuguesa Relativamente a Timor Leste

  6.7. - Timor Leste a Indonésia e a Asia-Pacífico

  6.8. - Encerramento das Sessões Públicas, em 24 de Junho de 1996

7 - NOTICIA BREVE SOBRE AS REUNIÕES DE TRABALHO

  7.1. - Ensino do Português em Timor Leste e apoio à Universidade de Dili

  7.2. - Promoção dos direitos humanos em Timor Leste e na região da Àsia-Pacifíco

  7.3. - Realização de uma segunda conferência da APCET (Asia Pacific Coalition for East Timor) na Malásia : "East Timor : The Search for Peace"

8 - REUNIÕES COM PARTICIPANTES TIMORENSES E INDONÉSIOS E ANÁLISE DA EVOLUÇÃO RECENTE

9 - PROPOSTAS E IDEIAS APRESENTADAS NAS REUNIÕES DE TRABALHO E CONVERSAS INFORMAIS

10 - REUNIÃO FINAL DOS ORGANIZADORES (CONVENORS) COM REPRESENTANTES DE UNIVERSIDADES PORTUGUESAS

0 - SÍNTESE GERAL

A Conferência Internacional, Educativa e de Diálogo sobre

TIMOR LESTE, SEU FUTURO NA ASIA-PACIFICO

organizada pela Universidade do Porto em conjunto com académicos e instituições de três universidades australianas, foi a mais ousada, a mais concorrida e a mais bem sucedida conferência internacional sobre Timor Leste organizada pela UP ou com a colaboração desta.

Tal deveu-se à enorme coragem dos timorenses que ousaram ir de Timor até à Austrália e correr o risco de exporem de forma tão clara e desassombrada a real situação em que vivem, manifestando uma determinação e uma Esperança contagiantes.

Tal deveu-se também, em grande parte, à boa resposta que obtiveram, em numerosas organizações políticas, sindicais e de defesa dos direitos humanos da Indonésia, os convites formulados pela Organização, sinal do crescente empenhamento de sectores cada vez mais largos (mas ainda minoritários) da sociedade indonésia na luta pela democracia e pela autodeterminação de Timor Leste.

A presença de timorenses das mais diferentes correntes políticas, não só da Resistência mas até de partidos indonésios (GOLKAR e PDI) e de cidadãos indonésios de concepções filosóficas e políticas tão diferentes, poderia originar graves dificuldades. Basta lembrar o que se passava, trinta anos atrás, entre grupos diferentes da oposição democrática portuguesa quando, por qualquer motivo, entravam em contacto no estrangeiro, e em que as tensões eram enormes e ameaçadoras.

Mas, apesar das expectativas mais negras de alguns, o que se verificou foi um são confronto de pontos de vista e ideias diferentes, com uma cordialidade e uma correcção bem superiores às que mesmo pessoas habituadas a viver em democracia por vezes manifestam. Foi um sinal de maturidade política e de preparação para a vida democrática.

Curiosamente, quando num jantar à margem da Conferência, um dos participantes indonésios mais velhos admitiu que os timorenses se iriam sentir felizes e orgulhosos de serem indonésios, quando a Indonésia tivesse um bom Presidente, foi fortemente contestado pelos restantes oradores indonésios, alguns deles muito mais novos, o que não é nada habitual (ou não era) na sociedade indonésia.

Surpreendentemente, esse mesmo participante indonésio acabaria por falar e até manifestar simpatia e apoio à autodeterminação de Timor Leste, no final da Conferência.

Muito importante foi a solidariedade e até amizade que se estabeleceu entre os participantes, nomeadamente entre timorenses e indonésios, e entre uns e outros e os portugueses. Sinal disso mesmo foram as palavras do Professor Indonésio Lukman Sutrisno na Sessão de Encerramento, e o convite que endereçou ao Professor Barbedo de Magalhães para proferir uma conferência sobre Timor Leste na Universidade de Gadja Mada, uma das mais conhecidas e prestigiadas da Indonésia.

Verificou-se uma grande evolução política na Indonésia, no último ano, com a convicção, por parte de muitos participantes desse país, de que o regime está em clara fase de desagregação, e de que o colapso pode ocorrer em tempos próximos. Alguns, dados à predicção, de acordo com as tradições culturais javanesas, vaticinaram uma duração de cerca de ano e meio, o que, apesar da ausência de base científica, contribuiu para alguma euforia, suscitando curiosidade e interpelações várias. Outros, mais prudentes, mantiveram frias reservas quanto ao futuro próximo, cheio de riscos, quer para timorenses quer para democratas indonésios, riscos esses temporariamente acrescidos pelo recurso a grupos de bandidos por parte de diferentes forças politicas e militares, e sobretudo das várias policias secretas do regime, susceptíveis de criar situações de confusão, em que o crime politico se esconde por detrás da aparência de incidentes incontroláveis.

A crítica, sem tréguas, ao vergonhoso posicionamento do Governo Australiano, foi unânime.

A participação de académicos australianos, de países asiáticos, europeus e americanos, e de numerosas personalidades da área da Asia-Pacifico foi muito importante. A presença, pela primeira vez, de representantes dos reitores de outras três universidades, além da Universidade do Porto, a saber, Universidade de Coimbra, Universidade Católica (Porto) e Universidade do Minho, deu prestígio e força à iniciativa, e potenciou futuras colaborações.

Nas circunstâncias díficieis em que a Universidade do Porto tem trabalhado, foi crucial esta participação, sem a qual muitos projectos futuros poderiam ficar comprometidos à partida.

Infelizmente, o Parlamento Português não se fez representar. Apesar disso, foram avançadas algumas ideias sobre iniciativas de parlamentares, que se espera que venham a ter impacto e influência no futuro.

No fim, ficaram muitas ideias e sugestões, e algumas propostas ou esboços de programas. Mas, mais importante do que isso, foi o melhor conhecimento do problema e a abertura de pistas para soluções pela via do diálogo.

Acima de tudo ficou reforçada a cooperação e amizade entre timorenses, indonésios e a solidariedade internacional. A esperança cresceu, e uma mensagem de apoio, de respeito e de fraternidade foi endereçada aos que lutam e sofrem, em Timor Leste e na Indonésia, em tão duras circunstâncias.

Passo a passo o dia de libertação aproxima-se. Não é ainda amanhã. Mas um passo grande foi dado ... graças à coragem, mais uma vez, dos timorenses, e dos seus irmãos de luta, com destaque para os democratas indonésios.

1 - OBJECTIVOS DA CONFERÊNCIA

De acordo com o projecto inicial, que se começou a delinear em Julho de 1995 quando o Coordenador das Jornadas de Timor da UP se deslocou à Austrália para participar em diversas conferências internacionais e abrir caminho à realização desta, e como se dizia no Programa Provisório (versão de 17 de Abril de 1996), os objectivos da conferência eram:

a) Facilitar o debate, entre timorenses residentes em Timor Leste, Indonésia, Austrália, Portugal e outros países, e destes com a solidariedade internacional, sobre temas, estratégias e acções importantes para a libertação de Timor e para preparar o futuro da Nação Timorense;

b) Promover o diálogo entre timorenses e indonésios das mais diversas correntes políticas, desde os defensores da democracia e da auto-determinação de Timor Leste até membros do próprio partido governamental indonésio, GOLKAR, de modo a favorecer uma solução baseada no diálogo e a abrir caminho para que se venham a criar condições para uma retirada das forças ocupantes tão serena quanto possível;

c) Aumentar o conhecimento do problema de Timor Leste na Indonésia, na Austrália e na Região da Ásia - Pacífico, estimular a solidariedade regional e preparar condições para um bom relacionamento futuro do Povo de Timor Leste com os povos e estados vizinhos;

d) Promover uma aproximação entre os povos, e nomeadamente entre os intelectuais e os académicos de Timor Leste, Portugal, Australia e Indonésia, por forma a promover o mútuo conhecimento e a abrir pistas para uma futura cooperação;

e) Reforçar e estimular a solidariedade australiana, regional e internacional, não só para com a Causa da Autodeterminação de Timor Leste, mas também para a promoção do respeito pelos direitos humanos e de condições para o establecimento da democracia em Timor Leste e na Indonésia.

2 - ORGANIZADORES

A Conferência foi organizada e convocada por académicos e instituições de quatro universidades, sendo três australianas:

- University of Sydney, Dr. Michael Van Langenberg, Director do Departamento de Estudos do Sudeste Asiático, Head of the Convenors Group;

- University of Technology of Sydney, Professor David Goodman, Director do Instituto de Estudos Internacionais;

- New South Wales University, Professor Garth Netheim, Director do Centro de Direitos Humanos da Faculdade de Direito;

e uma Portuguesa:

- Universidade do Porto, Professor António Barbedo de Magalhães, Coordenador das Jornadas de Timor da Universidade do Porto.

O Coordenador Executivo da Conferência foi o Dr. Max Lane, docente da University of Technology of Sydney e da University of Sydney, e editor da revista *"Inside Indonesia"*, boletim do *"Indonesia Resources and Information Program"*, IRIP.

Na prática, a organização da Conferência coube ao Coordenador das Jornadas de Timor da UP e ao Coordenador Executivo, que contaram com o apoio dos respectivos secretariados, de voluntários, e de algumas personalidades, para pôr de pé este simpósio.

De notar que se associaram directamente à iniciativa três outras universidades portuguesas, que se fizeram representar na mesma pelos docentes a seguir indicados:

- Universidade Católica Portuguesa (Porto)
  Doutor José Azeredo Lopes, Faculdade de Direito;

- Universidade de Coimbra
  Professor Abílio Hernandez Cardoso, Pró-Reitor, Assuntos Culturais;

- Universidade do Minho
  Doutor Luis Lobo Fernandes, Relações Internacionais.

Outras três Universidades, ainda que de algum modo ligadas, pelo seu anterior apoio, às Jornadas de Timor da UP, - facto que foi referido por diversas vezes, na Conferência de Sydney - não se puderam fazer representar, apesar de terem manifestado o desejo de o fazerem:

- Universidade dos Açores
- Universidade de Lisboa
- Universidade Nova de Lisboa

3 - PATROCINADORES

Embora se aguardem ainda algumas respostas a pedidos de apoio, são de registar, desde já, os seguintes patrocinadores, a quem agradecemos todo o apoio concedido:

Câmara Municipal de Amarante
Câmara Municipal de Carrazeda de Ansiães
Câmara Municipal de Castro Verde
Governo de Macau
Ministério da Educação
Ministério dos Negócios Estrangeiros
Universidade Católica
Universidade de Coimbra
Universidade do Minho
Universidade do Porto
New South Wales University
University of Sydney
University of Technology of Sydney

4 - CONFERÊNCIA DE IMPRENSA INICIAL (20/06/1996)

Na véspera do início formal da Conferência, isto é, em 20 de Junho de 1996, teve lugar na UTS (University of Technology of Sydney) uma Conferência de Imprensa que, de certo modo, constituiu uma Sessão de Abertura informal.

Compareceram quatro canais de televisão (canais 7, 10, SBS e ABC), pelo menos três emissoras de rádio australianas (ABC, SBS, GGG) e uma portuguesa (TSF) e dois jornais australianos (Sydney Morning Herald e The Australian) e um português (O Comércio do Porto). A ausência, em Portugal, do delegado da Lusa e da RDP, levou a que nenhuma televisão portuguesa estivesse presente.

Na mesa, como intervenientes, estiveram os representantes da Resistência Timorense José Ramos Horta (CNRM), José Luis Guterres (FRETILIN) e Zacarias da Costa (UDT), e ainda o Professor Lukman Sutrisno, da Gadjah Mada University, Yogyakarta, Indonésia, o Dr. Max Lane, Coordenador Executivo, e o Professor António Barbedo de Magalhães, Convenor da Conferência.

Nesta Conferência de Imprensa foram apresentados os objectivos da iniciativa e as posições da Resistência Timorense, e focado o papel das Universidades na questão de Timor.

A propósito deste último ponto, o Professor Lukman Sutrisno afirmou publicamente ter convidado, no decurso do pequeno almoço, o Professor Barbedo de Magalhães, para fazer uma Conferência, na sua Universidade de Gadjah Mada (Indonésia) sobre Timor Leste. Os universitários têm largueza de vistas, disse, e podem abrir portas a soluções pela via do diálogo, justificou o académico indonésio.

Em resposta, o Coordenador das Jornadas de Timor da Universidade do Porto tornou público o convite que, reciprocamente, endereçou ao Professor indonésio.

Depois da Conferência da Imprensa numerosos jornalistas entrevistaram os oradores e outras pessoas presentes na sala.

A cobertura dos média, sobretudo por parte das televisões e rádios, foi considerada muito boa, pelos organizadores australianos, embora a imprensa escrita tenha falhado.

5 - PROGRAMA DAS SESSÕES PÚBLICAS

O programa das Sessões Públicas sofreu algumas alterações relativamente ao previsto por dois motivos principais:

a) Nem o Governo Indonésio nem o Governo Australiano se fizeram representar, apesar dos convites dirigidos, respectivamente, à Embaixada da Indonésia em Camberra, e ao Ministério dos Negócios Estrangeiros da Austrália. A sessão prevista para apresentação e discussão das posições dos três Governos, Português, Indonésio e Australiano, foi, por isso alterada, tendo o Consul Geral de Portugal, Dr. Costa Pereira, feito uma apresentação clara da posição portuguesa, e o jornalista Alan Nairn falado do envolvimento do Governo dos Estados Unidos da América na questão de Timor.

b) A ausência de qualquer representante da Assembleia da República (Portuguesa), levou a desistir de fazer uma sessão de trabalho com parlamentares. Algumas conversas sobre iniciativas envolvendo parlamentares tiveram lugar, no entanto, embora de maneira menos formal, aproveitando a presença de parlamentares e políticos australianos, da Tailândia, da Nova Zelândia e de outros países.

Além disso foi necessário fazer algumas mudanças de oradores que não chegaram, ou não chegaram a tempo de intervir na Conferência conforme antes fora previsto.

Dum modo geral, no entanto, o programa real da Conferência, que a seguir se descreve, seguiu de perto o previsto.

PROGRAMME

FRIDAY - June 21, 1996

8.30-9.30 a.m.	**Registration**
9.30-11.00 a.m. University Hall UTS	**East Timor: Legal Perspectives** • Professor Garth Netheim, Human Rights Centre, University of New South Wales. • Rodney Lewis, International Commission of Jurists. • Professor Hideo Soga, Senshu University, Tokyo, Japan. • Mari Alkatiri, foreign affairs spokesperson for FRETILIN and jurist.
11.15-12.45 p.m. University Hall UTS	**East Timor: Perspectives on Contemporary History** • Professor António Barbedo de Magalhães, Oporto University, Portugal. • Dr. Monika Schlisher, University of Heidelberg, South Asia Institute, Germany. • Dr. John Taylor, South Bank University, London, United Kingdom.
1.45-3.15 p.m. See separate programme for rooms UTS	**Discussion Forums:** *a) East Timor and International Diplomacy* Mari Alkatiri, FRETILIN External Delegation; João Carrascalão President of UDT; José Ramos Horta, Special representative of CNRM. *b) East Timor in 1974-5* Dr. John Taylor, South Bank University, London, UK *c) East Timor and Portugal* Professor Barbedo Magalhães, Oporto University. *d) East Timor and the West* Constâncio Pinto (US), Keith Locke (NZ), New Zealand Alliance, Foreign Affairs Spokesperson, David Webster ETAN (Canada), Liem Soei Liong, Tapol editor, UK
3.30-5.00 p.m. University Hall UTS	**Scenarios and Solutions: Outside Perspectives** • Dr. Michael Salla, Department of Politics, Australian National University. • Dr. Keith Suter, Centre for Peace Studies, University of Sydney. • Renato Constantino Jr, Convenor of 1994 Asia Pacific Conference on East Timor, The Philippines. • Jim Dunn, former Australian consul to Dili.
7.00-9.30 p.m. University of Sydney	Official Opening of the Conference, and Keynote lectures on **East Timor, Past Experience, Future Prospects.** • Professor Bettina Cass, Dean of Faculty of Arts, University of Sydney - Official welcome. • Dr. Armindo Maia, Vice-Chancellor, University of East Timor. • Dr. Peter Carey, Oxford University, UK. • Dr. George Aditjondro, University of Newcastle, Australia (ex-Satia Wacana Christian University, Salatiga, Indonesia). • Professor António Barbedo Magalhães, Oporto University, Portugal. • Session chaired by Dr. Michael Van Langerberg, University of Sydney, Head of the Convenors Group. • Wallace Theatre, Science Rd. University of Sydney, Campus.

SATURDAY - June 22, 1996

8.30-9.00 a.m.	**Registration**
9.00-10.30 a.m. University Hall	**East Timor today: social and economic life** • Florentino Sarmento, development worker, East Timor. • Rev. Arlindo Marçal, Protestant Church of East Timor. • Dr. Lukman Sutrisno, Rural and Village Studies Institute, Gadjah Mada University, Indonesia • Dr. Armindo Maia, Acting Vice-Chancellor, University of East Timor.
10.45-12.30 p.m. University Hall	**East Timor's Future: The Resistance's Perspective** • José Luis Guterres, head, FRETILIN External Delegation; • João Carrascalão, President, Timorese Democratic Union, UDT; • Agio Pereira, CNRM.
1.30-3.00 p.m. See separate programme for rooms UTS	**Discussion Forums:** *1) Education in East Timor* Dr. Armindo Maia *2) The East Timorese Economy* Prof. Lukman Sutrisno Florentino Sarmento Dr. George Aditjondro *3) Religion in East Timor* Rev. Arlindo Marçal *4) East Timorese in Indonesia* East Timorese students, Nelson Baptista, F.D. Santos, SPRIM, etc.
3.15-4.30 p.m. University Hall	**Indonesian political developments I** • Dr. Geoffrey Robinson, Stockholm University, Sweden • Dr. Michael van Langenberg, University of Sydney, Australia • Astika Anom, National Executive, Peoples Democratic Party-PRD, Indonesia • Permadi, Nationalist Movement, Campaigner for Indonesian Democratic Party-PDI • Coki Naipospos, centre for Information Action and Reformation (PIJAR)
7.30 p.m.	**East Timorese Cultural Evening** Fairfield Showground, Smithfield Rd., Smithfield [This event is organised by East Timor Cultural Centre as a welcome to conference participants but is outside the programme organised by the convening universities. Provided for participants information].

SUNDAY - June 23, 1996

8.30-9.00 a.m.	**Registration**
9.00-10.30 a.m. University Hall	**Women and East Timor** • Milena Pires, Vice-president, Timorese Democratic Union, based in Belgium (UE) • Inês Almeida, East Timorese activist. • Isabel Galhos, East Timor refugee activist now based in Canada. • Anna Maria Pinto, Jurist and Central Council Member, FRETILIN, Moçambique.
10.45-12.45 p.m. University Hall	**Scenarios and Solutions: Indonesian and East Timorese Perspectives** • Wilson, Indonesian People in Solidarity with Maubere People-SPRIM. • Deddy Prasetyo, East Timor Solidarity Committee, Salatiga, Indonesia. • José Ramos Horta, Special representative CNRM.
1.45-3.15 p.m. See separate programme for rooms UTS	**Discussion Forums:** *1) East Timor as an issue in Indonesian Politics* Liem, TAPOL, Indonesia Human Rights Campaign, UK. *2) Role of students in political change in Indonesia and East Timor* Hendriyanto, Students in Solidarity with Democracy in Indonesia; Solidarity with East Timorese students. *3) Comparative role of East Timorese and Indonesian political organisations* PRD, Permadi (PDI), PIJAR, FRETILIN, UDT, CNRM *4) East Timorese workers and the Indonesian Workers Movement* Lukman, Indonesian Centre for Labour Struggles; Bambang Suryadi Indonesian Workers for Prosperity Trade Union
3.00-5.00 p.m. University Hall	**East Timor as an Australian foreign policy issue** • Senator Vikki Bourne, Foreigns Affairs Spokesperson, Australian Democrats • David Scott AO, founding director Community Aid Abroad. • Max Lane, University of Sydney and University of Technology of Sydney. • Pat Walsh, Australian Council for Overseas Aid.

MONDAY - June 24, 1996

8.30-9.00 a.m.	**Registration**
9.00-10.00 a.m. University Hall	**The Portuguese position and the issue in US foreign policy** Statements by the Portuguese diplomatic representative Dr. Costa Pereira and Mr. Alan Nairn, US, journalist.
10.15-11.30 a.m. University Hall	**East Timor as an Isue in the Indonesian Media and Economy** • Lukman, Indonesian Centre for Labour Struggles - PPBI • Bela Kusumah, Alliance for Independent Journalists - AJI • Dr. George Aditjondro, University of Newcastle.
11.45-1.00 p.m. See separate programme for rooms	**Special Discussion Forums:** *a) Church Perspectives on East Timor* Sister Kath O'connor; Peter Salmonsen, Pacific Council of Churches. *b) East Timor and Human Rights Strategies* Dr. Suthin Nophaket, Chairman of Sub-Committee on Human Rights, Thai Parliament; Ravi Nair; South Asia Human Rights Documentation Centre, Delhi; Maria Brett, East Timor Human Rights Centre, .Melbourne *c) East Timor, Indonesia and the Australian Media* Peter Cronau, Centre for Independent Journalism, University of Technology of Sydney. *d) East Timor and US policy* Alain Nairn and Professor Jim Nolt, New School of Social Research New York, USA.
2.00-4.00 p.m. University Hall	**East Timor and "Asian human rights"** • Tracy Pabico, Chairperson, "Consciousness", Filippino student movement • Sharaad Kuttan, Malaysian NGO figure • Freddy Gamage, Community Development Programme, Sri Lanka • Nico Warouw, Sociology Researcher, Gadjah Mada University and PRD representative to Australia
4.00-5.30 p.m. University Hall	**Plenary Session of Synthesis and Closing of the Conference** • João Carrascalão, UDT • Stanislau da Silva, FRETILIN • Constancio Pinto, CNRM • Lukman Sutrisno, Gadjah Mada University, Indonesia • António Barbedo Magalhães, Oporto University, Portugal Session chaired by Max Lane, UTS and University of Sydney, Executive Coordinator of the Conference.

6 - DESCRIÇÃO SUMÁRIA DAS SESSÕES PÚBLICAS

6.1. - Ao todo, mais de trezentos participantes

As sessões públicas tiveram sempre, além das intervenções programadas, um período de debate, com muitas perguntas e comentários feitos por parte da assistência. Esta participação, geralmente muito viva, enriqueceu grandemente o conteúdo da conferência, além de ser sinal de interesse e empenhamento dos participantes.

Frequentemente, o tempo para o debate foi insuficiente para satisfazer todos os pedidos de palavra.

O número de pessoas na assistência variou bastante de sessão para sessão, tendo chegado, nalguns momentos, aos cerca de trezentos participantes.

A única língua oficial da Conferência foi o Inglês, mas nalguns casos de oradores ou intervenientes menos fluentes nessa língua, fez-se a tradução sequencial a partir do Tetum, do Bahasa Indonésio ou do Português.

6.2. - Introdução jurídica, histórica e política, no primeiro dia das sessões (6ª fª, 21 de Junho)

A Conferência começou com uma apresentação da questão de Timor Leste em termos jurídicos, no quadro do Direito Internacional e das Nações Unidas.

O Professor Garth Netheim, depois de referir a contradição da política australiana com o direito internacional (que o Tribunal Internacional de Justiça relembrou em 1995), focou alguns (poucos) desenvolvimentos recentes, para concluir com a esperança de que seja alcançada uma solução global e internacionalmente aceitável, para o bem dos timorenses e da própria Indonésia, país para o qual Timor Leste é uma *"pedra no sapato"*.

O Dr. Rodney Lewis citou um artigo da Far Eastern Economic Review que refere, a propósito do petróleo de uma região insular que a China quer controlar, as exigências da Indonésia para que esta respeite o direito internacional.

Lembrou, depois, o preâmbulo da Declaração Universal dos Direitos do Homem, que consagra o direito à autodeterminação, e a própria Constituição Indonésia, segundo a qual o colonialismo deve ser abolido.

Falou sobre a arbitrariedade da legislação indonésia, que permite a condenação à morte de quem se desviar dos objectivos do Governo, como é típico de um estado totalitário.

Mari Alkatiri, por sua vez, considerou que a Lei 7/75, no quadro da qual se devia fazer a descolonização de Timor (previa eleições para Outubro de 1975, e, no prazo de três anos eventualmente prorrogáveis, a escolha livre do Povo Timorense quanto ao seu futuro) estava desactualizada.

Seguiu-se depois uma introdução histórica focando, de forma muito sintética e com a ajuda de esquemas, a história do último meio milénio de Timor Leste, por forma a salientar as linhas de força da estrutura social timorense e da sua secular luta pelo auto-governo (A. Barbedo de Magalhães; Monika Schlisher falou da ocupação japonesa de Timor durante a II Grande Guerra e do seu impacto na sociedade timorense; John Taylor focou a história recente, de 1974 até aos nossos dias, salientando o papel da FRETILIN no desenvolvimento do nacionalismo timorense. O Presidente da UDT, Engº João Carrascalão esclareceu, falando da plateia, que o nacionalismo timorense não é só da FRETILIN. A Resistência à ocupação tem várias componentes, FRETILIN, UDT, CNRM ... que importa não dividir artificialmente de fora.

No debate foram também apresentados, pelo Dr. David Scott, resultados de estudos feitos no Japão que mostram que a decisão de ocupar o Timor Português foi tomada depois da ocupação australo-holandesa do território, e em consequência dessa primeira invasão aliada. O objectivo desta foi impedir que o Japão ocupase a Austrália, transferindo para Timor o ónus da guerra.

Em consequência dessa política, morreram mais de sessenta mil timorenses durante a II Guerra Mundial, cerca do triplo dos australianos (que eram beligerantes, ao contrário de Portugal, que se manteve neutro). Em termos porcentuais (13,5% da população morta) Timor Português tornou-se, pois, num dos maiores dramas da II Grande Guerra, comparável, em termos relativos, à União Soviética, a segunda nação mais sacrificada (14% da população), a seguir à Polónia (18%). E isso no interesse da Austrália, para evitar (como evitou) que esta fosse invadida e ocupada pelos japoneses ...

Na sessão dedicada à apresentação e discussão de Scenarios and Solutions; Outside Perspectives, o Dr. Michael Salla, da Australian National University, fez uma análise do problema de Timor no quadro de uma teoria de resolução de conflitos e concluiu que, apesar de:

a) A Indonésia ter perdido 4.000 a 20.000 soldados e gasto mais de cem milhões de contos, até 1993;

b) O General Suharto recear sair da Indonésia para visitar importantes países vizinhos e nações ocidentais, para evitar manifestações de protesto como as que teve que enfrentar na Alemanha, em 1995;

c) Timor Leste ter deixado de ser um campo de promoção fácil dos militares indonésios, tendo mesmo originado o fim da carreira de alguns deles, depois do Massacre de Stª Cruz;

d) O problema ser tão incómodo para a Indonésia como uma *"pedra no sapato"*;

e) Haver interlocutores válidos dos dois lados, timorense (Xanana Gusmão) e indonésio (alguém indicado por Suharto);

f) Haver um Plano de Paz moderado apresentado pelo CNRM e subscrito, com algumas reservas, pela FRETILIN;

e atendendo a que a Indonésia não mostrou o menor interesse nesse Plano de Paz, importa:

i) Identificar as necessidades básicas de ambas as partes, as negociáveis e as fundamentais e irrecusáveis;

ii) Incorporar o ponto de vista dos timorenses pró-autonomia,

a fim de chegar ao ponto de maturação que permita uma solução negociada do conflito.

Sobre o mesmo tema falou também o Dr. Keith Suter do Centre for Peace Studies da University of Sydney.

Renato Constantino, Jr., que Presidiu à Conferência da APCET, em Manila, Filipinas, sobre Timor, em 1994, comparou o caso de Timor ao do Kuwait, enaltecendo a heróica coragem e tenacidade do Povo Maubere.

Finalmente, James Dunn, ex-Consul da Austrália no Timor Português, apresentou duas propostas:

a) Que o Parlamento Europeu conduza um inquérito sobre os crimes contra a humanidade cometidos em Timor Leste;

b) Que se constitua um conjunto de países para actuarem diplomaticamente na arena internacional, que (excluindo as pressões económicas e o boicote de venda de armas) constitua uma pressão directa para uma solução política do problema.

Na Sessão Oficial de Abertura, além das palavras de boas vindas dirigidas pela Directora da Faculty of Arts da Universidade de Sydney, e da explicitação dos objectivos da Conferência e do seu contexto, pelo Coordenador das Jornadas de Timor da Universidade do Porto, foram apresentadas e discutidas intervenções de três académicos, um timorense, outro britânico e outro indonésio.

O Dr. Peter Carey, da Universidade de Oxford, comparou o desenvolvimento do movimento nacionalista, na Indonésia, resultante da formação de elites educadas no sistema de ensino implantado pelos holandeses, com o actual desenvolvimento do movimento nacionalista timorense, protagonizado pelos jovens educados no sistema indonésio.

O Dr. Armindo Maia, Vice-Reitor da Universidade de Timor Leste, falou das dificuldades que presentemente enfrenta a sua Universidade, já que o Governo de Jakarta, apercebendo-se do papel que os jovens universitários timorenses estão a desempenhar na luta, cortou os subsídios. Por isso pediu ajuda internacional.

O Dr. George Aditjondro, ex-docente numa universidade de Salatiga, Java, e agora a lecionar na Austrália, começou por dedicar cinco minutos de silêncio, aos mortos de vinte anos de guerra de libertação, que são, em valores absolutos, quatro vezes mais do que os indonésios mortos pela libertação da sua pátria em 1945-49; às vítimas do Massacre Santa Cruz; aos timorenses mortos (às vezes assassinados em simulados acidentes) na Indonésia; aos soldados indonésios mortos em Timor Leste; e às vítimas dos esquadrões da morte.

Lembrou, a propósito do assassinato há pouco tempo de um cunhado de Xanana Gusmão pelos militares indonésios, por ter baixado e retirado do mastro, em Dili, uma bandeira indonésia, que em Semarang, quando Butong e dois outros nacionalistas indonésios arrearam uma bandeira holandesa, também dois deles foram mortos a tiro pelas forças do então colonizador.

Depois falou dos aspectos positivos (nomeadamente o incremento da solidariedade indonésia) e negativos da evolução da situação. Referiu que em 1991, antes do massacre de Santa Cruz, os dedos de duas mãos e dois pés eram suficientes para contar os apoiantes indonésios da autodeterminação de Timor Leste. Dessa data para diante, multiplicaram-se como cogumelos. Denunciou o uso, pelo Exército Indonésio, de armamento comprado a Israel pelo General Católico Benny Murdani, grande admirador da polícia política israelita, apesar do alinhamento do Governo Indonésio com a Causa Palestina. A propósito referiu que algumas dessas armas, que Israel empregara antes para matar palestinianos, foram utilizadas no massacre de cerca de duzentos muçulmanos em 1984, em Tanjung Priok, Jakarta. Hoje, alguns muçulmanos indonésios começam a estabelecer a ligação entre o general católico, Benny Murdani, então chefe máximo do Exército, o governo israelita em luta contra a autodeterminação dos palestinianos, e a repressão de que foram e ainda são vítimas tantos muçulmanos na Indonésia.

Terminou manifestando a convicção de que entre os académicos, líderes religiosos e políticos indonésios, cresce o número dos que apoiam as aspirações do povo timorense, e de que até no Exército há consciência de que a invasão de Timor afinal foi um erro.

No debate que se seguiu, alguém sugeriu a necessidade do estabelecimento de diálogos secretos, como na África do Sul entre o Chefe do Governo racista e o prisioneiro Nelson Mandela, que abriram caminho à transição pacífica que pôs fim ao apartheid.

6.3. - A Clareza e a coragem que vêm do interior de Timor Leste, e a solidariedade crescente do Povo Indonésio, no segundo dia (Sábado 22 de Junho)

O primeiro orador da sessão dedicada à análise da Realidade Social e Económica de Timor Leste. Hoje, foi o Dr. Florentino Sarmento, responsável de uma organização não governamental (ONG), ETADEP, membro proeminente da Fundação detentora da Universidade de Timor Leste, e da Comissão Justiça e Paz da diocese de Dili.

Começou por transmitir os agradecimentos do Bispo, D. Carlos Filipe Ximenes Belo, pelo convite que lhe foi endereçado pelo Coordenador das Jornadas de Timor da UP para participar na Conferência, e por apresentar os votos do Pastor da Igreja de Timor Leste no sentido de que a conferência ajude a alcançar um futuro de Paz e de Justiça.

Falou depois do desenvolvimento da Cooperativa de Crédito Agrícola Naroma (Luz). Nascida em Atsabe, em Julho de 1990, com trinta pessoas e com o capital de 400 US$, hoje reune 1500 pessoas, e tem um capital próprio de 200 000 US$.

Através de organizações católicas, outras cooperativas se criaram em Lospalos, Viqueque, Bobonaro, Ainaro, Maubisse e Same, possibilitando assim o acesso a capitais a baixo custo, imprecindíveis para o desenvolvimento agrícola.

Referiu a existência de outras ONGs indonésias que abrem escritórios em Timor Leste, com as quais não há qualquer coordenação, e que suscitam dúvidas em vez de auto-confiança.

Falou na necessidade de desenvolver economicamente Timor Leste, e não ficar apenas pelos direitos humanos, e salientou a necessidade de iniciativas que promovam o diálogo de modo a ajudar a encontrar uma solução internacionalmente aceitável e a alcançar a Paz, a Justiça e a Democracia para Timor Leste.

Seguiu-se o Revº Arlindo Marçal, chefe da Igreja Unida (Protestante) de Timor Leste, que introduziu a língua Tetum na conferência, com tradução sequencial para inglês.

Começou por afirmar que, do facto de a integração não se ter processado de acordo com as leis internacionais, mas sim através de uma invasão, resultaram muitas consequências:

1) Uma elevada presença militar que, por sua vez, se traduz em repressão que leva a população a viver no medo e na insegurança;

2) Militarização da vida social, pela presença, a todos os níveis de administração, em paralelo com cada uma das autoridades civis, de uma autoridade militar:

   Governador - Comandante Militar
   Administrador de Concelho - Kodim
   Administrador de Posto - Koramil
   Administrador de Suco - Babinsa

3) A timorização da guerra, com a preparação de timorenses para todo o tipo de operações contra outros timorenses e para a colaboração com os serviços secretos, o que gera graves problemas sociais;

4) A apropriação das melhores terras e das melhores zonas residenciais por pessoas vindas de outras ilhas, sem que os timorenses tenham meios para o evitar;

5) A falta de condições e oportunidades para os timorenses desenvolverem a sua própria cultura.

6) A transmigração, quer programada quer espontânea, que faz com que Dili seja já uma cidade habitada maioritariamente (ou quase maioritariamente) por transmigrantes, e que leva à ocupação das melhores terras do interior por estes, com afastamento dos timorenses das suas terras de origem e das suas raízes culturais;

7) O desemprego, resultante não só do insuficiente desenvolvimento mas também provocado pelo preenchimento de vagas prioritariamente por pessoas que vêm de fora;

8) A fraca participação dos timorenses no desenvolvimento; apesar das escolas, hospitais e outras estruturas criadas, a participação timorense é reduzida, sendo estes mais observadores do que actores participantes no desenvolvimento;

9) No campo religioso, e apesar de no tempo dos portugueses predominar a religião católica, não havia tanta instabilidade religiosa.

O Vice-Reitor da Universidade de Dili, Dr. Armindo Maia, completou o quadro da situação económico-social referindo que depois de 1975, mais de 80% dos fundos vêm do Governo Central. A economia de Timor Leste é, pois, uma economia dependente e subsidiada, sem que se vejam esforços para a tornar auto-sustentável.

Se não se fizer nada para modificar as coisas e nos tornarmos independentes dentro de cinco anos, haverá muitos problemas porque somos totalmente dependentes, afirmou.

Apesar de terem sido criadas algumas cooperativas, os grandes negócios estão nas mãos de pessoas vindas de fora e são dominadas por monopólios que controlam as importações e as exportações.

Faltam, pois, estruturas económicas para a auto suficiência.

Falou depois da juventude Timorense que, tal como na Indonésia dos anos 20 e 30 se tornou na grande força que a Libertou. Hoje, em Timor, quem se manifesta nas ruas não é a geração de 75, mas sim as novas gerações.

A Igreja Católica é, também ela, uma grande força. Aliás, os três pilares da estrutura de Timor são, hoje, Governo, o Exército, e a Igreja.

O Professor Lukman Sutrismo (ou Loekman Soetrisno segundo a grafia holandesa), especialista em Sociologia Rural de Gadjah Mada University de Yogyakarta, que desde 1981 estuda a realidade sócio-económica timorense, começou por lembrar que um relatório elaborado pela sua universidade em 1989, que deveria servir de base a um Seminário a realizar em Dili, acabaria por não ser discutido porque o Governo o proibiu.

Referiu que em 1981 não havia, no território, um centro de saúde, nem escolas. Mas, apesar de terem sido criados hospitais e escolas *"todos os timorenses com quem falei mostraram um grande desapontamento: - a economia passava ao lado dos timorenses"*.

Os chineses, que antes dominavam o comércio, deixaram a ilha, mas foram substituídos por companhias como a PT DENOK, por indonésios e por chineses, todos vindos de fora.

A abertura de Timor, em 1989, significa que a ilha ficou aberta a migrantes de outras ilhas. Emergiu a prostituição. Surgiu uma nova classe de comerciantes, de buguineses e macassares. E o povo sente-se esmagado pelas grandes companhias e pela nova classe de comerciantes. A única alternativa foi revoltarem-se contra quem os explorava.

Por outro lado, o aumento de escolas e da educação, criou o desemprego, porque não houve um investimento correspondente, a não ser no sector público, e aí a política é não aumentar o número de funcionários públicos.

A partir de 1989 muitos funcionários timorenses foram substituídos por não timorenses. Alguns timorenses foram contratados como *"conselheiros"* dos funcionários indonésios, e os transmigrados ficaram a liderar.

Depois de grandes manifestações de descontentamento, o governo viu-se obrigado a aumentar o número de funcionários, em vez de seram mais cem vagas por ano, passaram a ser mais duas mil.

O então Governador Mário Carrascalão dizia: *"Há desenvolvimento, mas não é feito pelos timorenses. Há fome na juventude..."*

No período do debate, o Dr. Florentino Sarmento, respondendo a questões postas pela assistência, esclareceu que as manifestações de intolerância religiosa e étnica têm uma raíz política. Por razões políticas tentam dividir os timorenses. É o problema político que permanece por resolver e dá origem às questões étnicas e religiosas. É por não estar resolvido o problema político que todos os recem-chegados são vistos como inimigos, por chegarem a Timor no quadro de uma Nova Ordem.

O Revº Arlindo Marçal, pelo seu lado, esclareceu que não há nem liberdade de expressão nem democracia, necessárias para um verdadeiro diálogo. E, concordante com o Dr. Florentino Sarmento, insistiu *"o problema fundamental não é nem religioso nem étnico, mas sim, basicamente, um problema político"*.

Florentino Sarmento perguntou depois:

- Como ajudar as cooperativas?
  São precisos subsídios, é certo, mas os subsídios só por si não são suficientes; apesar dos subsídios, os timorenses continuam pobres.

- Como desenvolver a economia?

- Que papel podem ter os estrangeiros e Portugal?
  Portugal tem responsabilidades. Os subsídios são bem vindos, mas é necessário que sejam administrados pelos timorenses.

No decurso do debate foi levantado, de novo, o problema da transmigração, perguntando um dos participantes como parar com ela.

O Professor Lukman Sutrisno concordou que o aumento da transmigração tornaria mais complicada qualquer solução política. Mostrou-se convencido de que estava a abrandar e falou num programa, dirigido pelo Padre Tang, cujo objectivo é levar os timorenses a amarem a terra.

O Dr. Arlindo Marçal informou ter falado pessoalmente com o Secretário Geral da Transmigração para Timor, pedindo-lhe que parasse com a transmigração até estar resolvido o problema político, porque a transmigração está a criar grandes problemas aos timorenses. Mas o chefe do programa de transmigração de Timor Leste discordou, dizendo que a transmigração era boa para uma melhor integração.

Lembrou que mesmo noutras zonas da Indonésia há problemas sociais derivados da transmigração.

O Dr. Florentino Sarmento focou, mais uma vez, o objectivo das ONGs timorenses, que é organizar o povo para se desenvolver e ter auto-confiança, no que deparam com dificuldades já que até para receberem dinheiros do exterior precisam de ter a aprovação do Governo.

A clareza com que nesta sessão foi descrita a situação sócio-económica de Timor Leste e a raíz política dos problemas, e a coragem de que deram provas os oradores timorenses, residentes em Timor de onde vieram expressamente para a Conferência para de novo voltarem à sua terra, espantou a assistência, contaminada por aquela lucidez e vigor.

Na sessão seguinte, falaram os representantes da Resistência no exterior, a começar pelo Presidente da UDT.

O Engº João Carrascalão lembrou que em 1975 ainda só havia um licenciado timorense, e, por isso, a UDT queria uma independência a prazo de 10 a 15 anos - mas não queria manter o status quo -. Os portugueses apressaram-se. E muitos não perceberam que só com (o apoio de) Portugal é que podiam ser independentes. Portugal era um amigo e não um inimigo. Se o fosse, e já que Timor Português nunca houve mais de mil e quinhentas pessoas provenientes de Portugual, os timorenses podiam ter expulso os portugueses. Basta ver a forma como têm resistido ao longo dos anos a um exército de trinta mil homens. A falta de quadros humanos é que levou a UDT a não querer uma independência rápida. A experiência das colónias africanas, que submergiram em guerras civis, mostra que a UDT tinha razão, disse.

E acrescentou: - *"O golpe de 11 de Agosto nunca foi compreendido. O que queríamos era evitar a invasão indonésia que estava a ser preparada" (...) Preferíamos um Timor independente com a FRETILIN, do que integrado na Indonésia".*

Continuando, o Presidente da UDT afirmou que há uma grande afinidade entre os Povos de Timor Leste e de Portugal, e por isso acham que Portugal deve terminar o processo de descolonização, e desenvolver o país como é sua obrigação. Portugal é o nosso principal aliado, reafirmou.

Criticou a Austrália por se comportar como a 27ª Província da Indonésia, dizendo mesmo que é a Austrália, e não Timor Leste, a 27ª Província.

E concluiu afirmando que os timorenses querem viver em paz com uma Indonésia democrática e não com o regime ditatorial de Suharto.

Agio Pereira, falou em nome do Conselho Nacional da Resistência Maubere (CNRM).

Lembrou que este orgão foi criado em finais de 1987, quando Xanana Gusmão se afastou oficialmente da FRETILIN (para se tornar no chefe apartidário das Forças Armadas da Resistência Timorense), no quadro de uma estratégia de unidade para salvaguardar o comando da luta.

O CNRM tornou-se o Supremo Comando da Resistência, quer da sua Frente Armada, quer da Clandestina e da Diplomática, e Xanana Gusmão é o líder da Resistência, disse.

Depois de lembrar a recente detenção de Sabalae, chefe da Resistência Clandestina, que foi torturado até à morte, Agio Pereira afirmou que, enquanto as forças indonésias não controlarem as montanhas, a liberdade está a salvo.

Referiu depois o Plano de Paz do CNRM que, como disse, tem em conta a correlação de forças existente.

Sobre o futuro de Timor Leste esclareceu que terá um sistema político democrático, multipartidário, sem corrupção e sem probreza, conforme propõe Xanana Gusmão no livro que contem a sua autobiografia.

Finalmente, salientou a importância de criar um Tribunal para Crimes de Guerra com poderes relativamente á situação de Timor Leste.

O último orador da sessão foi o Dr. José Luís Guterres, Chefe da delegação Externa da FRETILIN, que começou por lembrar os mortos da luta fraticida de Agosto-Setembro de 1975, os militares indonésios mortos em combate, os jornalistas assassinados pelas forças ocupantes e os combatentes da Resistência mortos nas montanhas, nas vilas e cidades , e nas prisões.

Lembrou as condições em que a chamada *"Declaração de Babiló"* foi assinada em Bali, sob a pressão das armas, como mais tarde denunciaram, nas Nações Unidas e noutros locais, quer líderes da UDT quer da própria Apodeti.

Referiu que hoje o café continua a representar 89% das exportações de Timor Leste (90% em 1974), o que significa que não foram desenvolvidas outras formas de subsistência económica.

Finalmente, depois de lembrar o cessar-fogo acordado em Março de 1983 entre Xanana Gusmão e o Comandante das Forças Indonésias, Coronel Purwanto, concluiu: - *"Negociações, sim, rendição, não e nunca!"*.

No periodo do debate, o Engº João Carrascalão afirmou que a colonização portuguesa foi negligente, mas não escravizou os timorenses. E o Português tornou-se língua de Resistência.

Na sessão da tarde, sobre Indonesian Political Developments, começou por falar o Dr. Geoffrey Robinson, do Center for Pacific Asia Studies da Stockolm University, Suécia.

Apesar dos múltiplos sinais que fazem prever que o regime da Ordem Nova de Suharto se aproxima do fim e que uma transição para um regime mais democrático já começou, o Dr. Robinson apresentou razões para temer maus tempos, embora acabasse por apresentar razões para a Esperança.

Tomando como base de partida as cinco principais mudanças críticas de regime ocorridas na Indonésia desde 1942, e em particular a última, correspondente à queda de Sukarno e sua substituição por Suharto (1965/67), o Dr. Geoffrey Robinson refere cinco semelhanças da situação actual com o que se passou há trinta anos:

i) O estilo cada vez mais belicoso e confrontacional da oposição, visível não só nas manifestações mas também em petições assinadas com sangue, que incluem declarações da disponibilidade de lutar até à morte em nome da Srª Megawati Sukarnoputri, filha do ex-Presidente Sukarno e líder do PDI (Partido Democrático Indonésio).

ii) O ressurgimento de grupos de criminosos manipulados pelo(s) poder(es) , para criarem confusões, perturbar manifestações e cometer crimes políticos.

iii) O desvio para lutas étnicas e religiosas - incluindo o incêndio de igrejas e de mesquitas no Norte de Sumatra, em Java e em Timor Leste - do descontentamento existente.

iv) Os sinais de graves dissidências entre diversos comandantes militares, eventualmente ligadas ao uso de grupos de bandidos para fazer as guerras que diferentes sectores militares não querem fazer directamente.

v) O sentimento que muitos militares começam a ter, de que o seu poder está em risco, o que poderá levar alguns deles a actos desesperados.

Nestas circunstâncias, de acordo com o Dr. Robinson, há o risco de um incremento da violência política, durante o periodo de transição, nomeadamente em Timor Leste. Poderão formar-se alianças oportunistas e momentâneas entre chefes militares e movimentos de descontentes, na prática manipulados pelos primeiros no seu próprio interesse.

Como, além disso, ainda não é seguro que um novo regime encare com simpatia a independência de Timor, e mesmo a democratização da Indonésia, nada garante que a transição seja para melhor. A menos que, quer a nível interno quer no plano internacional, haja pressões para que seja respeitado o direito à autodeterminação dos timorenses.

A desintegração recente de estados multiétnicos, como a URSS e a Jugoslávia, que acabaram por ser aceites pela comunidade internacional, poderá ser um sinal de que as separações de Timor Leste e da Papua Ocidental sejam aceites, desde que não afectem as relações económicas com a Indonésia e os interesses geoestratégicos dos EUA e outras potências.

A questão crítica, segundo o Dr. Geoffrey Robinson, é saber *"se a oposição democrática indonésia está preparada, ela própria, para defender a autodeterminação de Timor Leste" (...)*

"Se, nesta atmosfera de mudança, a oposição indonésia tiver a coragem de apoiar uma solução justa para a situação de Timor Leste, uma conjunção crítica de forças internas e internacionais pode ainda ocorrer e fornecer uma oportunidade única de saída para a luta pela independência. Se tal não ocorrer, a transição para um novo regime não dará quaisquer garantias de um melhor futuro para Timor Leste", concluiu o académico da Universidade de Estocolmo.

O segundo orador da sessão foi um orador empolgado, sukarnoista convicto e próximo da líder do PDI, Srª Megawati Sukarnoputri.

Começou por afirmar : *"Sukarno é um ditador, mas eu amo-o, porque é um ditador ao serviço do povo, contra os inimigos do povo"*.

Afirmando-se convicto de que, se a Indonésia encontrar um novo líder como Sukarno, poderá vir a reconstuir o grande Império de Madjapahit (que segundo alguns Sukarnoistas deveria incluir a Malásia e as Filipinas, numa grande Maphilindo) que se desfez há quinhentos anos, quando os europeus chegaram à região.

Quanto a Timor, *"respeito a sua luta pela democracia e pelos direitos humanos"*, mas, disse, *"tenho uma ideia diferente da dos meus colegas"*:

"Se a Indonésia encontrar um líder mais democrático e simpático de que Suharto, que conceda autonomia às regiões, então o problema de Timor ficará automaticamente resolvido, porque os timorenses terão gosto e orgulho de ser indonésios. Aliás neste mundo global em que vivemos é difícil a sobrevivência de pequenos estados".

"Quando eu for Presidente da Indonésia, talvez o Ramos Horta seja o Vice-Presidente ou o Ministro de Estado para Timor, e os meus irmãos Horta e Florentino ficarão orgulhosos de ser indonésios.

"Mas, se em Timor ainda lutarem pela Liberdade e pela democracia, eu respeitá-lo-ei e apoiá-los-ei", concluiu.

A seguir falou o membro da PIJAR (Centre for Information and Action for Reform) Coki Naipospos, que esteve preso de 1988 a 1993, por razões políticas e que, em desacordo com o anterior orador, defendeu de forma clara, não só a democracia para a Indonésia mas também a iindependência para Timor Leste.

Astika Anom, National Executive do Peoples Democratic Party, PRD, um novo partido que inclui no seu programa, de forma claramente expressa, a autodeterminação para Timor Leste, e que está ligado a movimentos estudantis, de trabalhadores, de camponeses e de artistas, falou no desenvolvimento recente da luta pela democracia e por melhores condições de vida. Referiu que de 1994 até meados de 1996 se registaram duas mil greves. E, apesar de ser previsível que em 1997 o GOLKAR (partido Governamental) e as ABRI (forças armadas indonésias), ainda apoiem Suharto, começam a criar-se condições para que forças populares se associem a sectores militares e, em conjunto, derrubem o ditador.

Finalmente, o Professor Michael van Langenberg, da University of Sydney, falou de cenarios para o futuro, tecendo considerações sobre o seu *"realismo"* e *"exequibilidade"*.

Chamou a atenção para o ascenso dos muçulmanos e apresentou hipóteses teóricas, desde a ascensão da Srª Tutut, filha de Suharto, a líder do GOLKAR, até à morte súbita de Suharto, passando pela criação de um estado federal na Indonésia.

6.4 - O Sofrimento e a Luta das Mulheres de Timor Leste : terceiro dia Domingo (23 de Junho de 1996).

Milena Pires, Vice-Presidente e Responsável pelo Departamento de Mulheres da UDT, foi a primeira oradora na sessão dedicada a *"As Mulheres e a Questão de Timor Leste"*, presidida também por uma timorense, Maria de Lurdes Bessa.

Começou por ler uma carta de uma mulher residente em Timor Leste, que conta: *"Nas montanhas as crianças não sabem chorar"*. É uma questão de vida ou de morte, para as mulheres e crianças que acompanham os guerrilheiros. Um simples choro de criança pode denunciar ao exército ocupante a presença de timorenses nas montanhas e apressar a morte de toda a família. *"Por issso as mães que acompanham os homens são forçadas a ensinar as crianças, desde muito cedo, de que não podem chorar, colocando as suas mãos na boca das crianças"*.

Falou depois do sofrimento das mulheres timorenses, sujeitas a todos os abusos, transportando no seu corpo as marcas da devastação produzida pelo regime indonésio, obrigadas a gerar os filhos do ocupante, transformadas em testemunhas silenciosas do sofrimento do seu povo.

Lembrou o eco da carta da Srª X, dirigida às VI Jornadas de Timor da UP de Março de 1995, (texto lido pelo Coordenador das Jornadas nas sessões de encerramento) segundo a qual *"a independência de um povo tem que significar a independência para todos"* e leu partes de uma carta de Xanana Gusmão, escrita na prisão de Cipinang em 7/9/95, sequndo a qual *"é necessário inovar no pensamento, sem injuriar a identidade cultural timorense, conduzindo progressivamente, a um melhor entendimento sobre elu própria no contexto de Timor e das mulheres a nível global"*.

Recordou o papel histórico de mulheres notáveis tais como Rosa Bonaparte, Isabel Barreto Lobato e outras que fundaram a *"Organização Popular da Mulher Timorense"*, e de tantas outras que fizeram o sacrifício supremo para libertar a sua Pátria. Recordou a história heróica da Maria Goreti (torturada até à morte por se recusar a ceder e colaborar com os ocupantes), que se repetiu milhares de vezes na Resistência do Povo de Timor Leste à ocupação Indonésia.

Falou depois do papel crescente das mulheres timorenses nas estruturas políticas da frente diplomática, nomeadamente no quadro da UDT desde o Congresso de Lisboa de Dezembro de 1993, e a criação, um ano depois (Dezembro de 1994) do Forum das Mulheres Timorenses (inicialmente designado Associação das Mulheres Timorenses), com mulheres de todas as tendências políticas. Foi este Forum que se fez representar na Conferência Mundial sobre a Mulher organizada pelas Nações Unidas e realizada em Pequim em 1995.

Concluiu afirmando que as mulheres de Timor têm não só um papel muito importante na luta pela autodeterminação, mas também precisam de se preparar para um maior desafio que é o de construir uma sociedade democrática pluralista, regulada pela Lei, e em que os seus cidadãos sejam avaliados pelo seu mérito individual (independentemente do sexo), certa de que *"a democracia só se alcança pondo-a em prática"*.

Inês Almeida, a segunda oradora, começou por lamentar o facto de, por razões óbvias, não poder ser uma mulher timorense residente em Timor Leste a falar nessa sessão.

Afirmou que, apesar da ONU ter aprovado uma declaração sobre os direitos das mulheres, em Timor Leste estas continuam não só a ser presas, mas também a ser torturadas e violadas.

Recordou a denúncia que em tempos fez Monsenhor Martinho Lopes, então Administrador Apostólico de Dili, de que por vezes soldados indonésios chamavam jovens raparigas timorenses dizendo-lhes que o Comandante as queria entrevistar, e, depois violavam-nas. E ainda o facto de muitas mulheres casadas serem violadas, por vezes mesmo diante dos seus maridos.

Monsenhor Martinho Lopes protestou sempre, o máximo que pode, mas os casos continuaram.

Falou depois de quarenta mulheres timorenses usadas como prostitutas pelos soldados indonésios, que estes não pagam, e que só registam o número de serviços prestados para depois o Exército as pagarem.

Finalmente comunicou algumas das resoluções aprovadas poucos dias antes na reunião do CNRM, que prevêem a realização de um estudo sobre as condições das mulheres, e a realização de um trabalho de educação com vista a eliminar a segregação das mulheres.

Isabel Galhos, a terceira oradora, começou por manifestar o prazer de falar para os seus e de estar entre timorenses, já que, desde que saíu de Timor, em 1994, só tem falado para Canadianos, uma vez quase não há timorenses nesse país de refúgio.

"As mães de Timor, as nossas mães, gostariam de estar aqui, hoje, a falar aonde nós estamos".
Eu tenho orgulho de ser mulher timorense. Podem controlar os nossos corpos, mas não o nosso pensamento".

Quando, depois de falar a mulheres chinesas, de El Salvador, da Tailândia e outras, residentes no Canadá, lhe dizem que a luta do Povo de Timor Leste representa todas as lutas, sente orgulho disso.

"Precisamos de libertar o nosso país, mas precisamos de nos libertar a nós mesmas", afirmou.

"De que precisam as mulheres de Timor para participar nesta luta?" perguntou.
E respondeu:

- *"Educação política"*,
- *"Aprender a falar em público"*,
- *"Que os nossos líderes nos ouçam, porque nós não sabemos apenas cozinhar e dançar, mas também pensar"*.

E concluiu afirmando que *"a nossa responsabilidade é amadurecermos na luta."*

Finalmente, a 4ª oradora, Drª Ana Pessoa, jurista e membro proeminente da FRETILIN, residente em Moçambique, depois de saudar todos, em particular os que vieram de Timor Leste e da Indonésia, lembrou que para a FRETILIN desde o início foi considerada vital a participação da mulher. Desde o começo houve mulheres que se envolveram no processo de descolonização e nas campanhas de educação, preparando as pessoas para a independência.

Com a invasão, muitas mulheres foram forçadas a ir para as montanhas e a participar na Resistência Armada e depois, também e sobretudo, na luta clandestina.

Recordou depois Rosa Muki Bonaparte, Secretária Geral da OPMT, assasinada em 7 de Dezembro de 1975 no cais de Dili, Maria Goreti Joaquim, membro da rede clandestina, que passava informação para a Resistência nas montanhas, ao mesmo tempo que servia os indonésios, que, depois de violada inúmeras vezes, acabaria por "desaparecer" com a idade de vinte e dois anos.

Falou depois na necessidade de haver o dia, ainda não proclamado, das mulheres de Timor.

No decorrer do debate Isabel Galhos confessou ser, ela própria, uma vítima da esterilização forçada.

Inês de Almeida manifestou a opinião de que a Igreja não tem favorecido a participação das mulheres na luta. Mas outra mulher timorense presente discordou, afirmando que a Igreja ajuda as mulheres de Timor.

Uma mulher timorense perguntou como é que ainda se pode viver como mulher em Timor Leste, já que aos riscos pessoais se soma a constante preocupação com os filhos, com os irmãos, com os homens. Lembrou que a mulher em Timor Leste não tem a liberdade de falar como nesta Conferência, na Austrália. Contou que, pelo menos uma vez, foi uma mulher que comandou um ataque a um posto militar indonésio.

Finalmente, um ex-prisoneiro timorense afirmou ter sido testemunha de violações de mulheres feitas na sua frente, quer em 1979 (quando ainda era relativamente miúdo), quer em 1982. Lembrou a violação das próprias irmãs. E afirmou que, quando preso, o tentaram forçar, sob ameaça de ser morto caso o não fizesse, a violar mulheres timorenses. Mas ele recusou, afirmando aos seus algozes que preferia ser morto a fazer tal coisa.

6.5. - Plano de Paz do CNRM e perspectivas para o futuro de Timor Leste na Asia-Pacífico

Na Sessão seguinte, dedicada à discussão de *"Scenarios and Solutions: Indonesian and East Timor Perspectives"*, o primeiro orador foi Wilson, membro do SPRIM, e um dos principais organizadores do *"assalto"* às embaixadas da Rússia e da Holanda em Jakarta, realizado conjuntamente por timorenses e indonésios, em 7 de Dezembro de 1995, como sinal de protesto, no 20º aniversário da invasão.

Começou por dizer que os dois povos, de Timor Leste e da Indonésia, estão ambos a ser reprimidos pelo mesmo regime militar de Suharto.

Lembrou que o SPRIM (*"Indonesian People in Solidarity with the Maubere People"*) foi criado em 1994 para defender a autoderminação de Timor Leste, com referência explícita à necessidade de se organizar um Referendum no território, com esse objectivo.

Refere que o programa político para a democratização da Indonésia passa por:

- reduzir a função das Forças Armadas (ABRI) a um papel meramente militar (abandonando a sua *"dupla função"* politico-económica, por um lado, e militar, por outro);
- institucionalizar e respeitar as liberdades democráticas.

Para isso torna-se necessário:

- Mobilizar a sociedade da cidade de Jakarta, de outras cidades e dos campos, criando um movimento de massas que fortaleça o poder dos partidos e movimentos pró-democracia;
- Encontrar e definir alvos para a luta pela democracia;
- Tornar a Srª Megawatti Sukarnoputri um símbolo da oposição ao regime.

Lembrou, depois, que há mais de dois mil timorenses a estudar na ilha de Java, e mais alguns milhares de trabalhadores timorenses, com os quais importa coordenar acções com o duplo objectivo da autodeterminação para Timor Leste e da democratização para a Indonésia. Referiu, por fim, a necessidade de criar, de forma legal, uma instituição que recolha fundos para a causa de Timor Leste e evite aproveitamentos oportunísticos.

Por sua vez Deddy Prasetio, do East Timor Solidarity Committee, baseado em Salatiga, deu a conhecer o trabalho de apoio aos timorenses que tem feito o ETSC, e a publicação de livros ou brochuras, a última das quais foi a autobiografia de Xanana Gusmão, em lingua indonésia (de que mostrou um exemplar).

O último orador da sessão foi o Representante Especial do CNRM (Conselho Nacional da Resistência Maubere) e de Xanana Gusmão, Dr. José Ramos Horta.

Começou por falar do líder da Resistência Timorense, Xanana Gusmão, e do seu ilegítimo julgamento, que criticou.

Prestou homenagem aos indonésios mortos a lutar pela liberdade e ao Professor George Aditjondro, cujo papel na solidariedade indonésia para com o Povo de Timor Leste enalteceu. Enviou aos indonésios uma mensagem de solidariedade, dizendo que *"estamos convosco no vosso sofrimento e na corajosa luta pela democracia e o estado de direito, contra a mesma elite militar que assassinou impunemente dezenas de milhar de camponeses javaneses, trabalhadores, e estudantes, que baniu jornais e prendeu jornalistas e intelectuais" (...).*

E acrescentou:

"Esperamos que o movimento democrático indonésio afirme, sem reservas, o seu apoio ao direito à autodeterminação do Povo de Timor Leste, à retirada total das forças indonésias do território, à libertação de todos os prisioneiros (timorenses), à repatriação dos funcionários públicos e dos transmigrantes que estão a usurpar terras e direitos. Estamos certos que têm consciência de que não podem pedir democracia para vocês mesmos (indonésios) e negar, ao mesmo tempo, o direito à autodeterminação do nosso Povo".

E acrescentou que, se um regime pós-Suharto quizer obter a boa vontade internacional para se consolidar, não poderá tentar continuar a praticar a política básica seguida pelo regime de Suharto relativamente a Timor Leste.

Adiante afirmou que o Povo de Timor Leste tem pouco a ofercer, porque o petróleo tem sido pilhado *"pelos nossos dois vizinhos gangsters, Austrália e Indonésia"*. Ao dizê-lo, ergueram-se vozes do público a dizer *"shame"*, vergonha para os ladrões.

Lembrou as suas diligências, em 1974, junto do Governo Indonésio, a quem falou da intenção de Timor Leste se tornar membro da ASEAN (Associação de Estados do Sudeste Asiático), liderada pela Indonésia, e a quem propôs que os diplomatas e as forças armadas de Timor Leste fossem treinados na Indonésia. Citou a carta que o Ministro dos Negócios Estrangeiros Adam Malik lhe endereçou depois de três séries de conversações, em que este afirmava que *"A independência é um direito de todas as nações, sem excepção para o Povo de Timor Leste" (...) quem quer que seja que governe Timor no futuro, depois da independência, pode ter a certeza de que o Governo da Indonésia se empenhará em manter boas relações, amizade e cooperação, para benefício de ambos os países".*

Mas recordou também a expansão soviética, de acordo com a doutrina de Brezhnev, com a implantação de regimes marxistas na Etiópia, em Angola e Moçambique, no Laos, no Cambodja e no Vietnam, e a *"ignominiosa retirada americana da Indochina"*, num quadro que parecia confirmar a *"Teoria do domínio"* do Presidente Lyndon B. Jolimon.

Mais adiante Ramos Horta afirmou que nunca foi o exercício do direito à autodeterminação que provocou a fragmentação de qualquer país, mas, antes pelo contrário, tais rupturas têm resultado de soluções artificiais impostas aos povos.

Falou das conversações de paz Israelo-Palestinianas e da transição democrática na África do Sul que, pelo êxito alcançado na resolução de problemas intrincados e aparentemente irresolúveis, alimentam a esperança de que o problema de Timor Leste possa ser resolvido pelo diálogo.

Lembrou as sucessivas propostas de diálogo sem pré-condições que Xanana Gusmão tem apresentado, ao longo dos anos. Finalmente, descreveu o Plano de Paz que Xanana Gusmão elaborou, depois de consultas aos comandantes militares no terreno e aos líderes políticos, que foi apresentado em Bruxelas, numa reunião do Parlamento Europeu, em 22 de Abril de 1992, e ao Conselho para as Relações Internacionais, em Nova York, em 14 de Maio de 1992.

Este plano de Paz do CNRM contem três fases:

1ª Fase - Humanitária (até dois anos) compreendendo:

- a implementação de medidas de confiança; o fim das actividades militares; a redução de tropas;
- a retirada de armas pesadas, tanques, helicópteros, aviões de combate, artilharia de longo alcance, etc.; a libertação imediata e incondicional de todos os presos políticos;
- a redução de 50% dos funcionários públicos indonésios em Timor Leste;
- a instalação no território das agências especializadas das Nações Unidas, UNICEF, UNDP, WHO, FAO; a nomeação de um Representante do Secretário Geral da ONU residente;
- a liberdade de exercício de actividades políticas.

2ª Fase - Autonomia (5 a 10 anos)

- A União Europeia estabelece uma legação no território, dirigida por um Representante Português;
- realizam-se eleições supervisionadas pelas Nações Unidas, para uma Assembleia do Território, com o voto apenas dos timorenses;
- A Assembleia elege um Governador, com um mandanto de cinco anos;
- O Território pode estabelecer relações Comerciais com países estrangeiros, promulgar as suas próprias leis relativas ao investimento, à propriedade da terra, à imigração, etc.
- As tropas indonésias remanescentes abandonam o território no prazo de três meses, e é criada uma força de polícia treinada pelas Nações Unidas;
- Portugal e a Indonésia normalisam as relações.

3ª Fase - Autodeterminação

Realização de um Referendo supervisado pelas Nações Unidas ou de eleições para uma Assembleia Constituinte.

Uma vez independente, continuou Ramos Horta, Timor Leste manterá ligações estreitas a Portugal. *"Portugal e Timor Leste tornar-se-ão importantes parceiros para as relações da ASEAN com a U.E. a África e a América Latina".*

"Não teremos um exército permanente. Confiaremos num Tratado de Neutralidade, garantido pelos membros permanentes das Nações Unidas (...) e trabalharemos para a completa desmilitarização das regiões da Ásia Oriental e do Pacífico".

Construiremos *"um estado democrático forte, baseado no respeito pela Lei que tem que emanar da vontade do Povo expressa através de eleições livres e democráticas" (...) " introduziremos nos curricula escolares, desde um nivel etário baixo, a matéria de Direitos Humanos" (...) "Os timorenses que agora servem na Administração Indonésia, nas forças de segurança ou na polícia não terão nada a temer com a independência. Serão convidados a permanecer já que o seu envolvimento activo e pleno é necessário para assegurar uma transição serena. No primeiro dia da independência, proclamaremos uma amnistia geral e uma reconciliação nacional (...) e perdoaremos aos nossos piores inimigos".*

(...) O CNRM está a desenvolver um plano de cinco anos de reconstrução nacional e desenvolvimento com um orçamento previsto de US$1.500 milhões. Acreditamos que um consórcio de Governos (US, Austrália, Nova Zelândia, Japão, Canadá, Portugal e UE), agências das NU e outras entidades multilaterais, o sector privado e bancos de desenvolvimento regional, poderão prover os recursos financeiros e humanos necessários".

"Canalisaremos os nossos recursos para a produção alimentar para poder alimentar o nosso povo. Procuraremos ter a cooperação das agências especializadas das Nações Unidas tais como a FAO, o World Food Program e UNDP. No entanto, as nossas políticas serão o resultado de uma estreita consulta com o povo de cada região, cidade ou aldeia. Além disso, em cooperação com a FAO e outras organizações internacionais, iniciaremos um programa massisso de reflorestação, para recuperar o meio ambiente, que foi gravemente afectado.

"A invasão desenraízou milhares de pessoas. Muitas propriedades foram abandonadas, destruídas ou vendidas a preços injustos. Esta situação tem que ser corrigida. Um plano de realojamento voluntário será executado, de forma a permitir a dezenas de milhares de timorenses deslocados voltar às suas terras ancestrais.

"Acreditamos na educação e nos cuidados de saúde gratuítos. O dinheiro poupado pelo facto de não termos um exército permamente será bem empregue nestas áreas. Pelo menos 40% dos nossos recursos serão aplicados ao nosso principal recurso - o nosso povo - através de um investimento massisso na saúde, na educação e na produção alimentar. Com a colaboração da WHO tentaremos erradicar, no espaço de uma década, a malária, a tuberculose e outras doenças susceptíveis de ser prevenidas.

"Estima-se em mais de cem mil o número de indonésios que agora vivem em Timor Leste. A maior parte são indonésios pobres que vieram para o nosso país à procura de melhor vida. Não seriamos coerentes connosco próprios se virássemos as costas aos nossos vizinhos pobres. Os migrantes indonésios em Timor Leste serão convidados a ficar e a construir connosco uma melhor morada para todos nós. Trouxeram com eles os valores da sua cultura que podem enriquecer toda a comunidade, no seu conjunto.

"Minhas Senhoras e meus senhores, esta é uma breve visão do futuro da nossa torturada nação. Durante os últimos vinte anos os nossos vizinhos viraram-nos as costas. Deveriam dirigir aos seus vizinhos indonésios uma palavra de bom senso, propondo-lhes que agarrem o ramo de oliveira que lhes oferecemos, desde 1974, quando nos encontramos com Adam Malik".

Depois de falar do papel que alguns países podem desempenhar no sentido de acelerar as conversações em curso sob os auspícios do Secretário Geral da ONU, Ramos Horta continua:

"Os próximos dois ou três anos irão testemunhar uma transição na Indonésia. A Austrália, a Nova Zelândia, os Estados Unidos, o Canadá e a União Europeia poderão encorajar uma transição pacífica com uma política discreta mas firme no sentido de promover reformas democráticas e o respeito da legalidade, na Indonésia, e uma genuína auto-determinação para Timor Leste".

"O mundo mudou extraordinariamente nos últimos anos, e os teóricos da irreversibilidade e do status quo ficaram desacreditados pelo colapso da URSS. Quem pensaria ser possível que o grande Povo Arménio voltasse a ser um país chamado Arménia? Todo o mundo conspirou contra o Povo Eritreia, Americanos, Russos e Cubanos todos se conluiaram contra a pequena nação. Hoje a Eritreia é um exemplo brilhante para o resto do mundo. Duas grandes nações, israelitas e palestinianos, que juraram ódio eterno, deram provas de coragem e de bom senso e começaram um penoso processo de diálogo (...)".

(...) "Os acontecimentos na Coreia são de enorme significado para a democracia e o domínio da lei em toda a região asiática. O bravo Povo Coreano, que sofreu décadas de ditadura e ocupação, ganhou a batalha pela democracia não com armas mas com a sua tenacidade na luta contra as tropas nas ruas de Seoul e Kwangju. pela primeira vez, na história da Ásia, anteriores chefes de estado e outros líderes estão a ser levados a julgamento pelos seus crimes cometidos quando estavam em funções. o Povo da Coreia do Sul está a desafiar a impunidade das funções públicas e o sacrossanto mito do interesse da segurança nacional que permite aos líderes prender, torturar e assassinar impunemente. A luta dos sul-coreanos está a ser observada com atenção na Ásia e a enviar tremores para a Tailândia, a Birmânia, a China e a Indonésia".

Depois de expressar a sua solidariedade ao Povo Birmanês, na sua luta pela democracia, o representante do CNRM terminou expressando a sua *"renovada esperança de que, por maior que seja a força bruta usada contra nós, os nossos sonhos nunca morrerão"*.

Na fase de debate, participantes indonésios manifestaram as suas diferentes opiniões quanto ao envolvimento directo, ou não, de timorenses na luta pela democratização da Indonésia, em manifestações e outras iniciativas, com uns a defender essa participação, como factor de aprendizagem e sinal de solidariedade, e outros a considerá-la um abuso, pelo qual os timorenses pagam, por vezes, o preço da prisão e das torturas. Em defesa da primeira posição Wilson (PRD) citou palavras de Xanana Gusmão a um jornalista australiano, a sugerir aos timorenses que se manifestem na Indonésia. E acrescentou: - *"Temos que aprender com eles (timorenses) a sacrificar-nos pela liberdade, e não apenas lamentar a sua desdita"*.

Falando do lado do público, Manuel Carrascalão, deputado pelo GOLKAR na Assembleia Regional de Timor Timur, pediu aos líderes timorenses *"que não empurrem a juventude para a morte e para o sofrimento"*, com a mágoa de quem fica *"com a camisa molhada de sangue"* quando pessoas de fora empurram os jovens para manifestações.

De notar que, em texto escrito entregue à organização da Conferência, o deputado Manuel Carrascalão, depois de fazer uma breve descrição dos factos mais relevantes da história recente de Timor, escreve:

"Depois de anos e anos em que a realidade nos arraza e definha (...) relembro o que chegamos a ouvir do Povo simples e martirizado da nossa terra: - "Os portugueses vieram com pouco dinheiro e muito amor, e os indonésios vieram com muito dinheiro mas com pouco amor" e acho que chega para todos nós reflectirmos e, pensando em voz alta, desejar ardentemente um referendo onde o Povo possa escolher o seu destino e nós possamos voltar (a estar) de bem com a nossa consciência (...)".

6.6 - Política Australiana, Americana e Portuguesa Relativamente a Timor Leste

A última Sessão de domingo, 23 de Junho de 1996, presidida pelo Professor Abílio Hernandez Cardoso, Pró-Reitor da Universidade de Coimbra, foi dedicada à politica Australiana relativamenter a Timor Leste.

Para esta sessão foi convidado um representante do Ministério os Negócios estrangeiros australiano, que não compareceu, sendo substituído pelo Dr. David Scott, que foi dos primeiros cidadãos australianos a protestar, em 1975, tão alto quanto lhe era possível, contra a vergonhosa atitude do Governo do seu país perante a brutal ocupação indonésia.

Informou que está a preparar um livro sobre a politica australiana em relação a Timor Leste. Sugeriu uma abordagem multipartidária para tentar mudar a posição do Governo Australiano.

Falou depois a Senadora Vikki Bourne, responsável pelo Sector de Relações Internacionais do Partido Democrata Australiano, que criticou duramente o tratado de cooperação militar com a Indonésia, assinado pelo Governo Australiano sem conhecimento prévio do público (inclusivé do próprio Parlamento Australiano, que não foi consultado). Lembrou a dívida de honra do Povo Australiano para com o Povo de Timor Leste e defendeu com veemêmcia a necessidade urgente do Governo revogar a sua posição de reconhecimento de Timor como a 27ª Província da Indonésia.

Pat Walsh, do Australian Council for Overseas Aid (ACFOA) criticou a *"magnificente obcessão"* dos goveros australianos, desde que Suharto subiu ao poder, de manterem, a todo o custo, uma *"relação especial"* com a potência regional vizinha, em nome do *"interesse nacional"*. Na sua opinião é altura de pôr fim ao *"colossal desiquilíbrio"* que tem prevalecido nas relações da Austrália com a Indonésia.

Lamentou o facto de Timor Leste ser ignorado, na política do National Party, e do Liberal Party também não ter posição sobre o problema.

Perguntou: *"Como melhorar a vida quotodiana dos timorenses?"*

E respondeu referindo algumas coisas que não se devem fazer, tais como:

a) Dizer que não se sabe o que é Timor Leste (já que é claro que se trata de um território ocupado pela Indonésia);

b) Atacar a integridade dos líderes timorenses (que na prática conduz a um denegrir da imagem da Resistência de todo um Povo);

c) Atacar Portugal, a anterior potência colonial (já que os problemas actuais resultam da nova colonização pela Indonésia).

Acrescentou, pela positiva, coisas que considera necessário fazer:

i) Apoiar o processo multilateral de diálogo promovido pela ONU;

ii) Falar com os líderes timorenses (coisa que os governos australianos não têm feito);

iii) Defender os direitos humanos dos timorenses;

iv) Apoiar a defesa e promoção da cultura timorense em Timor Leste.

Entretanto, Max Lane informou que o representante oficial do Governo de Camberra não tinha aceite ir para a mesa, mas talvez estivesse na sala a ouvir.

Lembrou que a recusa do General Mantiri como Embaixador da Indonésia (em Julho de 1995) resultou de sucessivas campanhas públicas contra as políticas indonésia e australiana em relação a Timor Leste.

Considerou que uma real democracia só existiria na Austrália quando a política externa fosse definida pelo Povo Australiano, o que está longe de ser o caso, já que o Parlamento Australiano não tem poder sobre a política externa. E é por isso que a Austrália é o único país do mundo a reconhecer formalmente a soberania indonésia sobre Timor Leste.

Finalmente falou na necessidade de coordenar acções, sem o que será impossivel combater o poder dos grupos económicos.

Um Professor da Australian National University também interveio, falando do *"vergonhoso"* relacionamento militar, económico e diplomático da Austrália com a Indonésia e dos pressupostos errados em que se baseou a *"real politic"* australiana ao longo de todos estes anos, com receio de reacções àsperas do Governo Indonésio, e baseada no pressuposto de que a Indonésia esmagaria rapidamente a Resistência, e de que os timorenses aceitariam, num curto lapso de tempo, a integração.

De notar que em toda esta sessão, e mesmo durante toda a Conferência, nenhum orador, nem dos convidados nem do público, disse uma palavra de apoio, de apreço ou, sequer, de aceitação da política australiana relativamente a Timor Leste. É de realçar que, no ano passado, em Conferência Internacional (também com a colaboração da Universidade do Porto) realizada em Camberra, na Australian National University, a politica australiana tinha sido defendida não só pelo representante do Governo, mas também por dois académicos australianos, que achavam que o melhor era não questionar a integração na Indonésia, para melhor poder defender os direitos humanos dos timorenses. Este ano ninguém defendeu essa tese ou sequer falou nela.

O primeiro orador de 2ª feira, dia 24 de Junho foi o jornalista americano Allan Nairn que, tendo sido ferido na cabeça com coronhadas dadas pelos soldados indonésios com as suas espingardas M16 de fabrico americano, em 12 de Novembro de 1991, aquando do Massacre de Santa Cruz , em Dili, teria depois um papel crucial na denúncia que fez da situação, quer nos EUA quer pelo Mundo fora.

Começou por afirmar que, se as leis fossem cumpridas, alguns governantes americanos estariam agora na prisão. Com efeito o Presidente Ford e o seu Secretário de Estado Henri Kissinger deram luz verde para a invasão, e são, por isso, responsáveis de crimes contra a humanidade.

Falou depois das mudanças na sociedade e na administração americana posteriores ao Massacre de Santa Cruz, e da admiração com que o actual presidente Bill Clinton olha a tenacidade do Povo Timorense.

Falou na necessidade de se registarem os nomes dos responsáveis por massacres e outros crimes contra a humanidade, a fim de os poder pôr em tribunal, quanto mais não seja nos EUA, onde uma lei americana do século XVIII, institucionalizada para combater a pirataria, permite julgar estrangeiros, por crimes cometidos fora das fronteiras, desde que entrem em território americano.

Lançou a ideia de se criar uma espécie de *"Green Peace"*, mas voltado para os direitos humanos e não propriamente para a ecologia.

Por fim enalteceu a gesta heroica do Povo de Timor Leste, cuja tenacidade faz dele um caso impar de heroísmo: - *"São um povo de heróis"*, concluiu.

No mesma sessão estava previsto que falassem os representantes de três governos. Mas na ausência de quaisquer representantes do Governo Indonésio e do Governo Australiano, apesar dos convites oportunamente endereçados, só falou o representante do Governo Português. Assim, coube ao Dr. José Costa Pereira, Consul Geral de Portugal na Austrália, historiar os factos mais determinantes do processo que se seguiu ao movimento militar que derrubou o Governo em 25 de Abril de 1974, com vista a resolver o problema colonial. A emergência de partidos timorenses a proporem diferentes soluções, as suas dificuldades de relacionamento e o conflito gerado em Agosto de 1975, bem como os problemas com que se debatia Portugal, a braços com uma tremenda crise política, e sujeito às pressões externas relacionadas com a Guerra Fria ainda em curso, foram lembradas.

Por isso, apesar de definido através da Lei 7/75, de 17 de Julho, um quadro legal que deveria levar a uma efectiva descolonização de Timor Leste, Portugal mostrou-se incapaz de conduzir o processo até ao fim, tendo falhado as tentativas para reestabelecer o diálogo entre facções timorenses e para impedir a intervenção indonésia.

Referiu depois que só a agressão por uma potência estrangeira é que levou Portugal a abandonar o território, ao mesmo tempo que cortava relações diplomáticas com a Indonésia e apresentava queixa nas Nações Unidas (Conselho de Segurança e Assembleia Geral).

Mencionou as resoluções entretanto aprovadas na ONU, entre 1975 e 1982, e o início do diálogo sob os auspícios do Secretário Geral da ONU. Ao mesmo tempo, Portugal procurou lançar a questão nos diversos *"fora"* internacionais.

A falhada tentativa de uma Missão Parlamentar Portuguesa visitar Timor Leste, e as manifestações e Massacre de 12 de Novembro de 1991, na sequência do cancelamento da referida visita, foram referidos. O quadro das presentes negociações em curso, entre os Ministros dos Negócios Estrangeiro dos dois Goveros e o Secretário Geral da ONU, foi devidamente esclarecido.

Por fim, o Consul Geral de Portugal explicou porque é que Timor Leste não é uma questão bilateral entre Portugal e a Indonésia, mas sim um conflito que opõe a Indonésia à Comunidade Internacional. Portugal apenas pretende honrar as suas obrigações morais e constitucionais de criar condições para a autodeterminação de Timor Leste, disse.

No decurso do debate foram postas, pela assistência, algumas questões sobre a actuação passada de Portugal, a que o Consul Geral respondeu com diplomática inteligência.

A outras questões que lhe eram dirigidas, Alain Nairn esclareceu que o próprio Presidente Ford lhe tinha confessado que tinha "autorizado" a invasão de Timor Leste. E apresentou como razões possíveis o facto de Suharto ter aberto a Indonésia ao investimento americano, e a importância, para os EUA, de terem um aliado com tanto peso no grupo dos Não Alinhados.

Curisoamente, no decurso de uma sessão anterior, um australiano que estava na assistência pediu a palavra para dizer que embora Portugal pouco tivesse feito por Timor, nada recebera, e a Austrália, que rouba o petróleo e, por isso, está a receber, nunca deu nada aos timorenses.

A Srª Sherley Schakleton, viúva de um dos jornalistas australianos assassinados pelas tropas indonésias em Balibó, em 16 de Outubro de 1975, pelo seu lado, afirmou que o seu marido foi para Timor nessa altura porque achava que a Austrália tinha uma dívida para com Timor desde a II Grande Guerra.

Para concluir, Allan Nairn considerou que só os movimentos de base, só a opinião pública internacional é que podem mudar a política internacional.

6.7. - Timor Leste, a Indonésia e a Asia-Pacífico

Na impossibilidade do jornalista independente Roy Pakpahan se deslocar da Indonésia a Sydney, foi outro membro da Alliance of Independent Journalists, AJI, chamado Bela Kusumah, quem fez a primeira intervenção na sessão sobre East Timor as an Issue in Indonesian Media and Economy.

Começou por decrever a política de controlo dos *"media"*, com o Governo a forçar os jornais a falarem de desenvolvimento, mas não de política. Lembrou o encerramento dos três principais periódicos indonésios, em 1994 - Tempo, Tedik e Editor - e as penas de prisão a que foram condenados jornalistas e empregados de escritório das respectivas redacções .

Criticou os esforços do Governo no sentido de haver uma só organização de jornalistas, controlada pelo poder, a que se contrapõe a determinação de muitos jornalistas de manter de pé a Alliance for Independent Journalists (AJI) e de dar corpo a publicações independentes que têm crescido.

Acabou por referir os encontros de um jornalista indonésio preso em Cipinang, Tri Agus, com Xanana Gusmão, afirmando que esse encontro simbolizava a amizade e cooperação entre os dois povos e as duas lutas.

O jovem sindicalista que interveio a seguir, Lukman, por sua vez, falou na necessidade de organizar manifestações de massas contra a ocupação de Timor Leste, contra a exploração económica dos timorenses pelos ocupantes e pelo capitalismo, e contra a dupla função dos militares indonésios.

O Professor indonésio George Aditjondro, terceiro orador da sessão , começou por criticar a sua Igreja (a Igreja Católica) por ter colaborado com o poder na ocupação e propagado mentiras nos seus "média".

Depois desmontou toda uma série de mitos que os orgãos de comunicação social indonésios têm propagado:

1º mito: O colonialismo é prática só de brancos; esquece que, mesmo no passado, o Japão colonizou a Coreia, etc.;

2º mito: A Indonésia beneficiou mais Timor Leste em vinte anos do que os portugueses em quatrocentos e cinquenta anos; esquece que as forças indonésias mataram mais timorenses em 20 anos, do que os portugueses em 450 anos; esquece a esterilização forçada; esquece que durante os vinte anos de ocupação indonésia foi destruída muito mais floresta (nomeadamente de sândalo) do que durante 450 anos de colonização portuguesa;

3º mito: O Islão é a única religião que apoiou os movimentos de libertação; esquece a luta dos católicos da Irlanda do Norte, as lutas pela defesa dos camponeses e dos índios no Brasil e também outras;

4º mito: O movimento internacional de defesa dos Direitos Humanos é uma campanha de brancos, cristãos e sionistas contra o 3º Mundo; esquece que foram utilizadas armas fornecidas por Israel - nomeadamente duas esquadrilhas de aviões Skyhawk - pelo Governo Indonésio contra os Oeste-papuanos; esquece que aqueles que, na Índia, apoiam a autodeterminação (dos católicos) de Timor Leste são os mesmos que apoiam também a autodeterminação (dos muçulmanos) de Cachemira;

5º mito: Timor Leste é inviável económicamente; esquece aquilo que já o Primeiro Ministro Australiano Gough Witham sabia quando, em Setembro de 1974, se encontrou com o Presidente Suharto, e que é que Timor Leste tem tanto petróleo como o Kuwait; esquece que foi com o café de Timor Leste que foi paga a invasão, e que foi com esse café que o investidor indonésio que financiou a operação (e outros, depois) se tornou multimilionário;

6º mito: Os timorenses são uns injustos para com que os indonésios; esquece que o mesmo diziam dos indonésios os colonisadores holandeses;

7º mito: A integração de Timor Leste na Indonésia é o retorno à casa paterna; ignora que a ilha nunca esteve unificada, nem politicamente - os Belu dominaram apenas parte da ilha - nem linguisticamente; as referências à extensão do grande Império de Madjapahit lembram os mitos de Hitler (...);

8º mito: Foram os timorenes que pediram a integração, pela declaração de Balibó e pela reunião da Assembleia Popular de Timor efectuada em 1 de Maio de 1976; pretende ignorar que a referida declaração foi assinada por líderes timorenses sob ameaça de morte, como denunciaram ao próprio George Aditjondro, em entrevistas quando este era jornalista, os líderes timorenses que a subscreveram: - Domingos de Oliveira (UDT), Guilherme Gonçalves (APODETI) e José Martins (KOTA); além disso não foi assinada em território timorense (Balibó) mas sim num hotel em Bali (Indonésia) que pertencia ao General Murtopo (Chefe dos Serviços Secretos), e depois lida em Atambua (Timor Indonésio); pretende esquecer que na reunião de 1/5/1976 só participaram líderes de partidos e líderes tribais, escolhidos pelos indonésios e não eleitos (dizia-se que os timorenses não estavam preparados para o conceito de um homem - um voto), que os jornalistas foram postos fora da sala durante o curto espaço de tempo em que, segundo Jakarta, terão votado a favor da integração por unanimidade ...;

9º mito: Se Timor Leste se separa, a Indonésia desintegra-se; como foi então possível à Indonésia viver trinta anos independente sem Timor Leste?

10º mito: Os Indonésios não devem discutir o assunto no estrangeiro (roupa suja lava-se em casa); Porque é que a Indonésia apoiou a independência da Namíbia violando a soberania Sul Africana sobre o território?

Na sessão dedicada a East Timor and *"Asian human rights"*, personalidades da Índia, das Filipinas, da Malásia, do Sri Lanka e da Indonésia deram testemunho da solidariedade nascente nesses países para com o Povo de Timor Leste, bem como o desejo cada vez maior de que os direitos humanos, universalmente reconhecidos como tais, sejam respeitados. Mas foi focada, com muita ênfase, a ignorância ainda generalizada sobre o que se passa.É muito o que está por fazer e há necessidade de desenvolver acções específicas, regionalmente centradas, para quebrar o silêncio, aumentar a consciência do problema e incrementar a solidariedade nascente.

Falou-se também na necessidade de pensar no futuro de Timor Leste, depois da independência, e da necessdiade de preparar, desde já, para a pós-independência, no contexto da área.

6.8. - Encerramento das Sessões Públicas, em 24 de Junho de 1996

Foi o Coordenador Executivo da Conferência, Dr. Max Lane, quem presidiu à Sessão de Encerramento.

Começou por salientar que o importante é ajudar os timorenses a libertarem-se a si mesmos. Para isso é necessário, por um lado, conhecer melhor o problema de Timor Leste e, por outro lado, definir alvos, objectivos, e organizar campanhas e iniciativas colectivas e coordenadas.

Falou depois o Presidente da UDT, Engº João Carrascalão que, tal como os oradores seguintes, agradeceu aos organizadores, universidades e académicos australianos e portugueses, e nomeadamente ao Dr. Max Lane e ao Professor Barbedo de Magalhães.

Criticou a Austrália por ser a única nação que reconhece formalmente a integração de Timor Leste na Indonésia, contra a opinião do povo australiano.

Focou a necessidade de defender a dignidade dos timorenses, uma dignidade que, mesmo nos tempos do colonialismo português, tinham, e que agora perderam, transformando-se em simples números que os ocupantes indonésios mostram pelo mundo fora.

"Não pararemos enquanto o nosso povo não se tornar uma Nação reconhecida por todo o mundo", concluiu.

Stanislau da Silva, representante da FRETILIN em New South Wales (Austrália), falando em nome da Delegação Externa da FRETILIN, agradeceu às universidade organizadoras a possibilidade que concederam de dar a conhecer o problema na região. Falou da necessidade de forçar o Governo Indonésio a negociar com os timorenses. *"Não há solução sem a participação dos timorenses"*, apesar de ser também importante o papel de Portugal. *"Queremos mais conferências como esta, especialmente na Região"*.

Recordou a cooperação entre timorenses e australianos, durante a II Grande Guerra, em benefício da segurança da Austrália.

E acrescentou que os timorenses não queriam recompensas por isso *"só pedem que os australianos apoiem a autodeterminação e independência"* e também a participação de timorenses nas conversações.

Em terceiro lugar falou o Professor Lukman Sutrisno, da Gadja Mada University, Indonésia:

"Para nós indonésios este seminário proporcionou um importante encontro com os nossos amigos de Timor. Antes de vir aqui imaginava que Ramos Horta e os outros líderes da Resistência eram tigres prontos a atacarem-me e a comer-me, pois é essa a imagem que a imprensa indonésia dá deles. Mas, conhecendo-os, conclui que eram pessoas razoáveis e simpáticas (...)".

Todos os homens têm o direito de determinar o seu futuro. Ninguém deve tratar outros seres humanos como números, como disse o colega da UDT.

"O papel das Universidades é muito importante (...) Tudo farei para que os estudantes indonésios tomem consciência do problema de Timor Leste, para que, quando se tornarem líderes, saibam o que se passa no território e resolvam o problema. Vejo aqui alguns alunos meus, que se tornaram melhores do que eu. Isso significa que fui um bom professor (...).

Estive hoje com um ex-aluno meu, timorense, que foi para o Canadá e que luta pelo seu próprio país, o que é bom e importante no processo da autodeterminação.

"A independência da Indonésia é também fruto das universidades.

"Não sou político" acrescentou. *"A decisão pertence aos políticos. O que posso e prometo fazer é espalhar o conhecimento do problema de Timor Leste junto dos meus alunos. Eles têm que encontrar uma solução para o problema que a geração anterior criou".*

Terminou afirmando aos *"amigos timorenses: - we realy love you"*.

Em seguida falou Constâncio Pinto representante do CNRM nos EUA.

"Esta Conferência permitiu partilhar ideias sobre a luta pela autodeterminação e independência". Permitiu também encontrar, olhos nos olhos (e isso foi o mais importante), cidadãos indonésios e outros timorenses, incluindo jovens que em 1992 tinham 10 anos e que Constâncio Pinto reencontrou na Austrália.

"A Conferência gerou novas ideias para a luta e permitiu-nos ouvir académicos distintos que se dedicam a procurar soluções para o problema de Timor Leste". Destacou depois o facto de terem vindo muitos timorenses que se expuseram a riscos para estarem em Sydney. Salientou a importância disso, já que estes são a esperança e a energia da Resistência. Elogiou os amigos indonésios que vieram também de um lugar perigoso.

"A sua presença diz-nos que a luta de Timor Leste é, tal como a deles, contra um inimigo comum, o regime de Suharto, e pela libertação de Timor Leste e democratização da Indonésia".

Depois citou a anterior comunicação de Ramos Horta e concluiu: - *"Depois desta Conferência que cada um seja o mensageiro do sofrimento do povo de Timor Leste"*.

Findas estas quatro apresentações, Max Lane convidou pessoas da assistência para fazerem muito curtas intervenções.

Sharaad Kuttan, da Malásia - Falou da conferência da APCET 2 que se irá tentar realizar em Kuala Lumpur e agradecendo, antecipadamente, sugestões para a mesma.

Renato Constantino, Jr. - O principal responsável da primeira conferência da APCET realizada em Manila em Maio-Junho de 1994, sugeriu que no futuro se fizesse uma conferência organizada pelos timorenses para, com o apoio de outras pessoas, discutiram entre eles e prepararem o seu futuro.

Keith Lock, spokeperson do New Zeeland Alliance Party - afirmou que saia da reunião mais inspirado para organizar maiores iniciativas por Timor Leste a nivel parlamentar e não parlamentar na Nova Zelândia com vista a aumentar o apoio a um referendo para Timor Leste e à democratização da Indonésia.

Um australiano de Perth (John), da ACFET (Australian Coalition for a Free East Timor), falou da responsabilidade australiana em relação ao território. É preciso que o problema deixe de ser da direita ou da esquerda, afirmou, salientando a necessidade de conquistar o apoio para a causa de membros dos partidos no Governo e mesmo de membros do Governo, independentemente da sua côr política.

Por sua vez o Dr. Suthin Nophaket, membro do Parlamento Tailandês, considerou a Conferência muito significativa e confessou que aprendera muito nela, nomeadamente com as mulheres timorenses, sobre a luta pela autodeterminação da sua terra.

Lamentou, depois, que apesar do Ministro dos Negócios Estrangeiros da Tailândia ser um amigo seu, que este tivesse cancelado a visita de Ramos Horta e outros timorenses, que pretendiam participar noutra conferência sobre Timor Leste, há cerca de dois anos e meio.

"Farei o que puder no meu país (a Tailândia), especialmente no Parlamento, e juntarei mãos com amigos da Indonésia, da Malásia, de Singapura e das Filipinas, com quem me encontrarei em Jakarta em Julho de 1996", acrescentou.

José Gusmão, timorense refugiado em Darwin, depois de ter perdido filhos na guerra em dramáticas circunstâncias, foi a última pessoa a falar da plateia.

Agradeceu a oportunidade de se encontrar com cidadãos indonésios e sobretudo com timorenses vindo do interior, que puderam experimentar o que é uma pessoa poder exprimir-se livremente num país livre.

Manifestou a impressão de que no primeiro dia ainda havia medo nalguns participantes indonésios, porque uma ditadura os separou e pôs indonésios contra timorenses e timorenses uns contra os outros. *"Quando voltarmos a nossas casas, nós jovens da Ásia, vamos lutar contra as barreiras que nos separam. Vamos lutar em conjunto pela democracia em todos os países da Ásia"*, disse.

E acrescentou: - *"o crescimento da repressão em Timor Leste e Indonésia é sinal de desespero do regime"*. Manifestou-se, pois, convencido de que o tempo disponível para a retirada das tropas indonésias se aproxima do fim.

Finalmente Max Lane passou a palavra ao Professor António Barbedo Magalhães, de quem partiu a ideia de organizar esta Conferência, quando no ano passado esteve na Austrália.

Passamos a citar o Coordenador das Jornadas de Timor da UP que, de improviso, disse :

"A melhor síntese da Conferência e prova do seu êxito é a afirmação do Professor Lukman Sutrisno ao dizer que encontrou Ramos Horta, João Carrascalão, José Luis Guterres e outros lídres timorenses e precebeu que não eram tigres prontos a atacá-lo, mas pessoas razoáveis, simpáticas e até amigáveis. Este era o principal objectiuvo da Conferência.

"Aprendemos com a nossa própria experiência, quando o Governo do meu país dizia que Portugal era um "big country" mas não era um "great country", porque a grande

extensão territorial resultava da opressão de povos colonizados. Aprendemos com os amigos das ex-colónias portuguesas que a grandeza de uma nação não está na sua extensão, mas sim nos seus valores.

Quando tinha 18, 20 ou vinte e poucos anos, aprendi com o exemplo da luta do Povo Indonésio pela sua independência, com a experência democrática dos anos cinquenta e com o seu empenhamento na libertação do 3º Mundo do colonialismo. E esta foi a principal fonte de inspiração política para mim e para os meus colegas que lutaram contra o colonialismo português e pela democracia, bem como para os lutadores anticolonialistas africanos.

"Tive a oportunidade de conhecer alguns desses líderes detidos em Portugal, que me honraram com a sua amizade (...).

"Hoje os nossos amigos indonésios fazem a mesma experiência.

"Temos que protestar e lutar sempre que alguém é preso, torturado, violado ou morto. Não podemos fechar os olhos a isto e temos que lutar contra quem quer que seja que faça isso. Só assim poderemos ser amigos não só de Timor Leste mas também dos indonésios.

"Não é sobre o sangue que se podem estabelecer boas relações e cremos que é por isso que as relações entre a Austrália e a Indonésia são tão embaraçosas.Vim aqui há um ano, houve o caso Mantiri. Venho aqui agora e há o problema da nomeação do embaixador australiano para a Indonésia ... Que relações se podem estabelecer entre a Austrália e a Indonésia, se são baseadas no assassinato de um povo e no roubo do petróleo, na cegueria perante a opressão de dois povos?"

Referiu-se depois a um símbolo que trouxe da Australian National University, para *"agradecer ao Michael Salla"* por, no ano passado, ter organizado a primeira Conferência Internacional sobre Timor Leste na Austrália, e homenagear a solidariedade australiana e internacional.

"O meu amigo Lukman Sutrisno ofereceu-me este amuleto para me proteger e eu uso-o com muita honra e orgulho. tenho a certeza que uma das melhores "protecções" que levo daqui é a amizade do Professor Lukman Sutrisno e dos outros participantes indonésios que correram tantos riscos para virem aqui testemunhar a sua solidariedade e empenhar-se mais e mais na luta pela autodeterminação de Timor Leste".

"O terceiro símbolo que trago comigo, é deste povo tão corajoso, tão tenás, que é a força de todos nós. Só a coragem dos timorenses, nas montanhas, na frente clandestina, nas cidades, nos meios internacionais, os leva a continuarem a luta e, apesar disso, a continuarem a ser tão simpáticos, tão doces e tão amistosos mesmo com o Povo Indonésio".

"É esta fraqueza que faz a força deste Povo de Timor Leste. É a força deste Povo que nos mostra quão importante é o que cada um, como eu (que cada dia me sinto tão fraco) faz; cada um de nós e todos nós, conjuntamente, podemos mudar o Mundo e, estou certo de que mudaremos, dentro de pouco tempo, a situação em Timor Leste".

"Agradeço às três universidades e aos "convenors" australianos" (...)

"Agradeço aos colegas das Univesidades Portuguesas e ao Consul Geral de Portugal em Sydney, cuja presença e acompanhamento significam o interesse de Portugal e o empenhamento pessoal do próprio Dr. Costa Pereira na questão de Timor Leste".

Agradeceu depois a todos os que trabalharam na sombra e ao seu grande amigo Max Lane.

"Mas, porque dentro de pouco tempo cada um de nós vai para casa, peço a todos que estejam atentos ao que possa acontecer aos que vieram de Timor Leste e da Indonésia e não sabem o que os espera no regresso. Preparemo-nos para fazermos o que fôr necessário para evitar que sofram consequências pela sua participação nesta iniciativa.

"Regressando a casa, sentiremos que depois desta conferência nada mudou.

"Mas eu pergunto:

- *Quem imaginaria, há dois anos atrás, que tantos participantes vindos de Timor Leste poderiam vir aqui encontrar-se com timorenses vindos de todo o Mundo? E mais, quem poderia sonhar, há 2 ou 3 anos, que estes timorenses pudessem encontrar-se com tantos cidadãos indonésios de um leque político tão alargado e imaginar que uns e outros manifestariam tanta auto-confiança e tão grande esperança num futuro de Liberdade , de Paz, de Amizade, (...). Muitas coisas mudaram. E mesmo que esta Conferência tenha sido apenas um pequeno passo, se cada um de nós, voltando para casa, continuar a dar pequenos passos, passo a passo nos iremos aproximando do objectivo final que é a Liberdade, a Justiça, a Paz, a Autodeterminação e a Democracia para o Povo de Timor Leste e para o Povo da Indonésia".*

"Penso sempre nos que estão em Timor, nas montanhas e nas prisões. Recebemos deles, sempre, mensagens de coragem. A minha última palavra vai para aqueles que lutam em condições tão duras, e para quem peço o maior aplauso e encorajamento e a quem agradeço por me permitirem a honra de participar, ainda que numa escala muito pequena, na sua luta heroica.

"Obrigado".

7 - NOTICIA BREVE SOBRE AS REUNIÕES DE TRABALHO

As reuniões de trabalho, realizadas em simultâneo em várias salas, permitiram uma discussão mais especializada de grupos mais pequenos de participantes. A troca de ideias e de opiniões nestas reuniões foi extremamente fecunda.

Na impossibilidade de descrever tantas sessões, deixamos aqui pequenos apontamentos sobre algumas delas.

7.1. - Ensino do Português em Timor Leste e apoio à Universidade de Dili

Numa reunião sobre Portugal e Timor Leste, o Vice-reitor da Universidade de Dili, Dr. Armindo Maia, informou que desde o início dos anos noventa, a lei indonésia admite que 10 a 20% dos tempos lectivos possam ter conteúdo de interesse regional ou local. Essa lei, que é geral para toda a Indonésia, é uma abertura legal para o ensino do Português ou do Tetum em Timor Leste. Mas, como arranjar professores de português?.

Foram consideradas várias hipóteses, desde o envio para Timor de professores brasileiros, cabo-verdianos ou de qualquer outro país de expressão portuguesa. Mas, atendendo a que isso depende de aprovação do Governo de Jakarta, e esta pode demorar muito tempo (ou até não vir), consideraram-se duas alternativas:

- Fazer cursos de português na Austrália (por exemplo em Darwin) através da Igreja, ou no quadro de uma cooperação trilateral entre Universidades Portuguesas, Universidades Australianas e a Universidade de Timor Leste.

A propósito informou que a Universidade de Dili (uma cidade com 150 mil habitantes cerca de metade sendo indonésios) tem cerca de 2000 alunos, 65% timorenses, 35% indonésios, em três faculdades:

- Agricultura;
- Ciências Sociais;
- Educação e Preparação de Professores.

No próximo ano terá uma faculdade mais:

- Economia.

Falou do financiamento de cerca de 40%, que vinha do Governo de Jakarta e que este, ao constatar que os estudantes da Universidade de Dili têm sido activos opositores da ocupação, decidiu cortar, e da necessidade de encontrar fontes de financiamento alternativas.

Falou também nas necessidades da biblioteca da Universidade, actualmente um edíficio quase vazio (apenas cerca de 20 000 volumes), agradecendo, antecipadamente, quaisquer ofertas de livros que lhes possam ser feitas.

A propósito, Ramos Horta lembraria, numa outra reunião, que do último encontro intratimorense facilitado pelas Nações Unidas veio um apelo para que fosse apoiada a Universidade de Dili e sugeriu que esse apoio viesse via Bruxelas e do Grupo de Coimbra (que reúne 32 das mais antigas e prestigiosas universidades europeias).

João Carrascalão lembrou que há intercâmbio de estudantes timorenses e australianos, nomeadamente nas áreas da agricultura e silvicultura, que podia ser devidamente aproveitado.

Quanto ao envolvimento directo de organismos especializados das Nações Unidas, Florentino Sarmento foi de opinião de que não resultariam, já que teriam que passar sempre pelo Governo da Indonésia.

7.2. - Promoção dos direitos humanos em Timor Leste e na região da Àsia-Pacifíco

Numa reunião dedicada aos direitos humanos, Marie Brett falou do East Timor Human Rights Centre, com sede em Melbourne. Este Centro, presídido pelo bispo D. Hilton Deakin, tem em vista a educação para os direitos humanos, para a recolha de informações sobre violações dos direitos humanos, não só com dados sobre as vítimas mas também sobre os violadores.

Ravi Nair, do South Asia Human Rights Documentation Centre, com sede em Nova Deli, Índia, falou nos problemas da transmigração e na necessidade de estudar formas de registar as terras que pertenciam a timorenses e de promover visitas a Timor Leste.

Pelo seu lado, o deputado Dr. Suthin Nophaket, Chairmen of the Sub Committee on Human Rights do Parlamento Tailandês, falou na ideia de se criar um Human Rights Institute for Asia, e nos contactos que tem tido com parlamentares, personalidades e instituições voltadas para os direitos humanos em países do Sudeste Asiático. Nesse sentido irá participar numa reunião em Jakarta, em Julho deste ano, com personalidades das Filipinas, da Malásia e da Indonésia. Nessa ocasião pensam pedir uma audiência ao Ministro dos Negócios Estrangeiros indonésio. O objectivo é criar comités nos parlamentos e comissões nacionais nos países da ASEAN, e estabelecer cooperações com vista a melhorar a situação dos direitos humanos na região em geral e em Timor Leste em particular.

Noutra reunião o Dr. Florentino Sarmento falou na Comissão Justiça e Paz da Diocese de Dili, já criada mas ainda não em funcionamento, presídida pelo Pe. Mateus Lopes da Cruz (presentemente em Ainaro), e da qual o próprio Dr. Florentino Sarmento é o Vice-Presidente. Pediu ajuda, que se espera possa vir da Conferência Episcopal Portuguesa.

7.3. - Realização de uma segunda conferência da APCET (Asia Pacific Coalition for East Timor) na Malásia, sobre "East Timor : The search for Peace"

Aproveitando a presença em Sydney não só do prevísivel *"convenor"* da Conferência, Sharaad Kuttan, e do Coordenador da APCET (Asia Pacific Coalition for East Timor), Augusto Miclat, Jr., mas tabém de numerosos participantes da região da Ásia-Pacífico, fizeram-se algumas reuniões para analisar a viabilidade de a mesma se fazer, de facto, na Malásia.

Dada a posição do Governo Malaio, no quadro da ASEAN, o papel de liderança que a Indonésia tem nesta Associação de Nações do Sudeste Asiático, e as especificidades da realidade política da Malásia, não é certo que uma tal conferência possa vir a realizar-se neste país.

Alguns contactos preliminares foram já feitos, com entidades influentes. O Dr. Ravi Nair, indiano com excelentes relações na área, bem como o deputado tailandês, Dr. Suthin Nophaket, deram sugestões de grande utilidade.

Foi analisada a possibilidade de envover nesta iniciativa, que é da APCET, isto é, da solidariedade, outras entidades tais como:

- Parlamentares, nomeadamente da Ásia-Pacífico, mas também do grupo internacional de Parliamentarians for East Timor (PET), e outros.

A propósito considerou-se útil a participação de parlamentares portugueses e de membros do Parlamento Europeu, bem como de congressistas americanos. (Seria uma boa altura para a Assembleia da República estabelecer ou estreitar ligações na área).

Os parlamentares poderão reunir-se no quadro de uma iniciativa paralela autónoma , simultânea com a conferência da APCET.

- Académicos, nomeadamente de universidades da Malásia e doutros países da área, da Austrália e de Portugal.

A esse respeito foi importante o interesse manifestado pelos representantes de quatro universidades portuguesas presentes em Sydney.

- Artistas da Malásia e, se possível timorenses e, eventualmente também portugueses.

Prevê-se a participação nesta conferência, como convidados, de:

- 25 personalidades timorense e indonésias
- 25 personalidades de outros países do Sudeste Asiático
- 25 personalidades de países do norte (Europa, América do Norte, etc. incluindo parlamentares)
- 25 personalidades de países do sul (América Latina, África, Austrália, Nova Zelândia, Pacífico, etc.)
- 100 participantes da Malásia.

8 - REUNIÕES COM PARTICIPANTES TIMORENSES E INDONÉSIOS E ANÁLISE DA EVOLUÇÃO RECENTE

Nas anteriores conferências internacionais tem-se sentido, sempre, que é muito curto o tempo para reuniões informais, com grupos específicos de participantes, quer para informação e troca de opiniões sobre a situação política e estratégias, quer para propor e discutir iniciativas. Por isso se previram, nesta iniciativa, três dias dedicados apenas a reuniões informais, não públicas.

De facto reuniões à margem da Conferência houve muitas outras, quer dos movimentos políticos timorenses, algumas das quais tiveram lugar ao longo da semana que antecedeu a Conferência e outras prolongaram-se para além do termo desta, quer de organizações de solidariedade ou com personalidades específicas.

Foram particularmente importantes as reuniões de timorenses entre si, e com o Coordenador das Jornadas de Timor da UP,as de cidadãos indonésios - incluindo um jantar-encontro com a comunidade indonésia residente na Austrália (que registou mais de cento e cinquenta presenças) - e também as de timorenses com indonésios.

Constatou-se uma grande evolução política na Indonésia, no decurso do último ano, caracterizada, nomeadamente por:

a) criação de novos partidos políticos (talvez ilegais mas de facto existentes e operantes), como o PRD e o PUDI que contestam e afrontam directamente o poder de Suharto, e com posições favoráveis à autodeterminação de Timor Leste, mais claras no caso do PRD do que no do PUDI;

b) Consolidação de uma central sindical independente (SBSI)e criação de outra(PPBI);

c) Consolidação de publicações independentes e da Associação Independente de Jornalistas;

d) Ataques cerrados do poder ás lideranças do PDI e do Nadlatul Ulama, com forte reacção destes movimentos, o que levou a manifestações e confrontos de rua em Jakarta que coincidiram, no tempo, com a Conferência de Sydney;

e) Esclerose do sistema político, minado por conflitos entre Suharto e as forças armadas, com um número cada vez mais reduzido de chefes militares fieis a Suharto, que sobem muito depressa na hierarquia, ultrapassando outros que se sentem menosprezados, e contradições de interesses entre os grupos económicos mais fortes, resultantes em parte do favoritismo escancarado de que são objecto (alguns) filhos de Suharto e da corrupção em elevadíssimo grau;

f) Convicção, que se começa a generalizar, sobretudo desde a morte da esposa do Presidente, em Abril deste ano, de que o ditador se aproxima do fim (que as notícias recentes, já posteriores à Conferência, sobre o seu estado de saúde, apenas vieram reforçar);

g) Uma grande pujança do movimento pró-democracia, ainda que pouco estruturado globalmente;

h) Crescente solidariedade com o Povo de Timor Leste, embora ainda sem uma expressão clara de apoio à autodeterminação por parte das principais forças políticas indonésias, e apesar de ainda dominarem, na sociedade indonésia, a desinformação e os preconceitos relativos a Timor Leste veículados pela propaganda do poder.

Em contraponto, e apesar das numerosas e frequentes expressões de divisão entre líderes timorenses, constata-se a existência de um símbolo único da Resistência (que na prática é aceite como líder por muitos timorenses e várias organizações) e de um programa político comum, centrado na autodeterminação e com expressão no Plano de Paz do CNRM, apesar das reservas postas ao mesmo pela FRETILIN e das discordâncias que a UDT manifesta em relação a alguns pontos deste.

9 - PROPOSTAS E IDEIAS APRESENTADAS NAS REUNIÕES DE TRABALHO E CONVERSAS INFORMAIS

Nas reuniões de trabalho e contactos informais foram apresentadas e discutidas muitas ideias, quer relativas a petições, manifestações e boicotes, quer concernentes a estudos, recolha e difusão de informação (incluíndo a criação de uma base de dados sobre criminosos de guerra e autores de crimes contra a humanidade em Timor Leste e na Indonésia), realização de Conferências, Exposições (fotografias, panos timorenses, etc.), filmes, etc.

De notar que, pela primeira vez, surguiu de várias pessoas a ideia de promover o estudo de formas de governar Timor Leste após a independência, tendo a preparação de quadros timorenses, com esse objectivo, merecido alguma atenção.

A realização de uma campanha de visitas a Timor Leste, por parte de personalidades a sensibilizar para o problema, e de modo a tentar impedir massacres e repressão generalizada em datas críticas (como a APCET já promoveu uma vez em Novembro de 1995) foi proposta com insistência, e considerada muito importante por quem veio do interior.

A criação de uma *"Hope Foundation"* para apoio a estudantes timorenses, e de uma Fundação Internacional para recolha de fundos e promoção de iniciativas internacionais mereceu também a atenção de alguns dos participantes e motivou contactos posteriores com algumas personalidades australianas (tendo determinado o prolongamento da estadia em Sydney de alguns participantes, nomeadamente das Filipinas), como o Bispo Hilton Deakin, de Melbourne.

A presença em Sydney do Dr. James Nolt, da New School of Social Research, de Nova York, do Jornalista Allan Nairn e do Dr. Geoffrey Robinson (que irá leccionar para a Universidade da California em principios de 1997), bem como de um elemento da solidariedade canadiana, foi aproveitada para discutir a organização de um conjunto de conferências a realizar nos Estados Unidos e no Canadá, provavelmente em Março de 1997 (na sequência de contactos estabelecidos pelo Coordenador das Jornadas de Timor da UP em Abril/Maio de 1996).

A presença de representantes dos reitores de quatro universidades portuguesas em reuniões destinadas a discutir algumas destas iniciativas foi muito importante.

10 - REUNIÃO FINAL DOS ORGANIZADORES (CONVENORS) COM REPRESENTANTES DE UNIVERSIDADES PORTUGUESAS

Antes de começar a Conferência, o Coordenador das Jornadas de Timor da UP teve uma reunião com os "*Convenors*" australianos e com o Coordenador Executivo da Conferência, apenas para confirmar as linhas mestras de orientação desta e acertar alguns pormenores sobre a sua participação na mesma.

Depois da Conferência ter terminado, teve lugar outra reunião, mas desta vez com a presença de mais dois representantes de universiades portuguesas, o Dr. Abílio Hernandez Cardoso, Pró-Reitor, em representação do Reitor da Universidade de Coimbra, e o Dr. Luis Lobo Fernandes em representação do Reitor da Universidade do Minho (o Dr. José Azeredo Lopes, da Universidade Católica Portuguesa - Porto, teve que regressar a Portugal logo que a Conferência terminou).

Nesta reunião os organizadores das três universdiades australianas mostraram-se claramente satisfeitos com a Conferência, que consideraram um grande êxito. A presença de timorenses vindos do interior e de indonésios de muitas e diferentes correntes políticas, foram enaltecidas como dois dos aspectos mais salientes.

Mesmo a nível mediático consideraram que, apesar da imprensa escrita quase não ter falado da Conferência, o número de artigos sobre Timor Leste e a Indonésia aumentou muito, em parte por causa da conferência e da presença de tantas personalidades estrangeiras nela.

Relativamente à rádio e à televisão, consideraram a cobertura muito boa, para o habitual na Austrália. O facto de quatro canais de televisão terem dado notícias sobre a Conferência e entrevistado alguns participantes, de alguns canais o terem feito ao longo de vários dias, foi considerado muito positivo.

Relativamente às rádios, o líder do "*convenors group*" informou que tinha dado já seis entrevistas e ainda iria dar, pelo menos, mais outra, e sabia que diversos participantes tinham sido entrevistados para várias emissoras de rádio (incluíndo a Rádio Netherlands, holandesa e a TSF, portuguesa).

O Coordenador das Jornadas de Timor da UP aproveitou a ocasião para propôr colaborações futuras entre universidades portuguesas e australianas, nomeadamente na área dos estudos sobre o Sudeste Asiático ou sobre a Ásia-Pacífico, o que foi encarado muito positivamente pelos académicos australianos. Além disso aproveitou para informar da intenção do ex-Presidente da República, Dr. Mário Soares, se deslocar à Austrália em 1997, para visitar comunidades portuguesas e, em particular, timorenses. A hipótese de nessa altura proferir conferências em universidades australianas também foi considerada com agrado pelos parceiros australianos.

Refira-se a este propósito que na excelente festa organizada pelo East Timor Cultural Center o autor deste relatório anunciou a intenção do Dr. Mário Soares visitar as comunidades timorenses na Austrália em 1997.

Por fim, o Coordenador das Jornadas de Timor da UP manifestou não ter intenção de organizar em Sydney outra Conferência do género, mas admitir a hipótese de organizar outra, com o objectivo de discutir e analisar um Plano de Desenvolvimento do Povo de Timor Leste (a que impropriamente chamou de Plano Marshall para Timor) a fim de reconstruir a nação timorense e ultrapassar as profundas marcas da ocupação.

Nesse projecto considerou que deveriam envolver-se os estados com mais responsabilidades no sofrimento do Povo de Timor Leste, a saber:

- Portugal, Japão, Austrália e Indonésia.

Porto, 16 de Julho de 1996

O Coordenador das Jornadas de Timor da Universidade do Porto

A. Barbedo de Magalhães